



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU
Mestrado profissional
em Educação Bilíngue**

Projeto do curso e Ementário

Rio de Janeiro, RJ
INES-DESU
1ª versão
Dezembro, 2018

GOVERNO DO BRASIL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Michel Miguel Elias Temer Lulia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Rossieli Soares da Silva

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO,
DIVERSIDADE E INCLUSÃO- SECADI
Júlio Cesar Meireles de Freitas

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
Marcelo Ferreira de Vasconcelos Cavalcanti

DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
Tanya Amara Felipe

COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
Luiz Alexandre da Silva Rosado

EDIÇÃO
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES
Rio de Janeiro - Brasil

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DO CURSO.....	5
2. OBJETIVO DO CURSO	8
3. PERFIL DO PROFISSIONAL A SER FORMADO	9
4. CORPO DOCENTE.....	9
5. ACESSO AO CURSO	10
6. INTEGRALIZAÇÃO DO CURSO	10
7. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS	11
8. LINHAS DE PESQUISA	12
LINHA DE PESQUISA 1: Educação de surdos e suas interfaces.....	12
LINHA DE PESQUISA 2: Língua e Linguagens.....	13
LINHA DE PESQUISA 3 Surdos: Memória, Marcadores Linguísticos, Culturais e Territoriais	15
9. EMENTAS DAS DISCIPLINAS.....	17
DISCIPLINAS GERAIS	17
A) EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS.....	17
B) METODOLOGIA CIENTÍFICA.....	19
C) SEMINÁRIO DE PESQUISA I.....	21
D) SEMINÁRIO DE PESQUISA II	22
LINHA DE PESQUISA 1: Educação de surdos e suas interfaces	24
A) ESPAÇO, AMBIENTE, ROTINA, LINGUAGEM E CULTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	24
B) INTRODUÇÃO À INSTRUÇÃO EM/DE LIBRAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS	26

C) PRODUÇÃO DE ARTEFATOS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS (DISCIPLINA DA LINHA DE PESQUISA).....	27
D) TRANSIÇÕES TECNOLÓGICAS, CULTURA DIGITAL E SURDEZ.....	31
E) EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	34
LINHA DE PESQUISA 2: Língua e Linguagens.....	38
A) CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM NO ENSINO DE LÍNGUA PARA SURDOS.....	38
B) ENTRE LÍNGUAS: PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	39
C) EDUCAÇÃO BILÍNGUE E LINGUAGEM	41
D) AVALIAÇÃO E ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2	43
E) LETRAMENTOS SURDOS E MULTIMODALIDADE	44
LINHA DE PESQUISA 3 Surdos: Memória, Marcadores Linguísticos, Culturais e Territoriais	48
A) INTRODUÇÃO À PRÁTICA ETNOGRÁFICA.....	48
B) LIDERANÇAS E MOVIMENTO SOCIAL	49
C) MEMÓRIA COLETIVA.....	50
D) NARRATIVAS EM TORNO DO CONCEITO DE LITERATURA SURDA.....	52
E) LITERATURA EM LIBRAS	54
F) TEORIAS DA CULTURA, IDENTIDADES E EDUCAÇÃO DE SURDOS	57
G) DISCIPLINA: CORPO, CULTURA E IDENTIDADE: REFLETINDO SOBRE A SURDEZ.....	59
H) HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS	60

1. APRESENTAÇÃO DO CURSO

O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), fundado em 1857, é um órgão da administração direta, específico e singular da estrutura do Ministério da Educação, considerado Centro de Referência Nacional na Área da Surdez e da Educação de Surdos. O INES tem como missão a promoção da inclusão social e do exercício da cidadania das pessoas surdas nas políticas educacionais do Brasil em uma perspectiva bilíngue, a saber: Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e Língua Portuguesa (LP). É instituição federal de ensino habilitada à oferta de Educação Superior (ensino, pesquisa e extensão), e à oferta de Educação Básica, em suas diferentes etapas e modalidades, através de seu Colégio de Aplicação (Cap / INES).

Embora tenha uma longa história de formação e promoção de políticas na área da surdez, completando 161 anos de existência em 2018, o projeto de Ensino Superior do INES é relativamente recente. Ele toma força no começo dos anos 2000, especialmente a partir do reconhecimento da Libras como “meio legal de comunicação e expressão” no Brasil (Lei 10.436/2002), determinando o apoio ao seu uso e difusão, bem como a sua inclusão em Cursos de Formação para o Magistério, de Educação Especial e Fonoaudiologia.

Em 2005, o Decreto 5.626 regulamenta a *Lei de LIBRAS*, prevendo a formação superior de profissionais para a educação bilíngue, o desenvolvimento da prática pedagógica bilíngue – incluindo a LIBRAS como disciplina curricular – nas escolas e no ensino superior, bem como a oferta de cursos com essa perspectiva em nível de extensão e de pós-graduação. Em 2004 o INES apresentou ao MEC pedido de autorização para um curso superior bilíngue de Pedagogia – Licenciatura Plena. Em 2005, o Ministério da Educação autoriza o funcionamento de um curso superior de graduação no INES, cujas aulas tiveram início em 2006. Assim, surgiu o Curso Bilíngue de Pedagogia, ofertado pelo INES, uma experiência pioneira na América Latina, sendo a LIBRAS a principal língua de instrução em sala de aula, bem como a Língua Portuguesa através dos textos. Anualmente são ofertadas 60 vagas, sendo metade reservada exclusivamente para alunos surdos e outra para alunos não surdos. O acesso é realizado através de processo seletivo próprio, que leva em consideração as especificidades linguísticas dos surdos, com banca avaliadora especializada no tema. No caso dos alunos não surdos, é exigido que possuam o nível básico da LIBRAS.

O primeiro movimento do INES na direção de ampliar seu campo de formação e capacitação de profissionais se deu através da pós-graduação *lato sensu*, de 2008 a 2012, com duas edições do curso “Surdez e Letramento nos anos iniciais para crianças e EJA” realizadas em convênio com o Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ). Esse movimento se consolida, especialmente, a partir de 2012, quando o INES passa a ofertar de modo autônomo o Curso “Educação de surdos: uma perspectiva bilíngue em construção”, hoje em andamento com a sua quarta turma (2017-2018). É um curso amadurecido, composto de 10 disciplinas, totalizando 400 horas/aula, em que se destacam temas como história da educação de surdos, educação bilíngue para surdos,

ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos e aspectos gramaticais e metodológicos para o ensino de Libras como primeira língua. Grande parte deste corpo docente, altamente qualificado com oito doutores, duas mestres e uma especialista, traz sua experiência para a construção do mestrado profissional aqui em tela.

Dando continuidade ao previsto no seu *Plano de Desenvolvimento Institucional* (PDI) para o período de 2012 a 2016, o INES lançou a proposta de construção de uma pós-graduação *stricto sensu* na modalidade de mestrado, apresentada como consequência almejada de sua experiência prévia com cursos de Graduação e de Pós-graduação *lato sensu*.

O projeto de construção de uma pós-graduação *stricto sensu* começou a se concretizar no final de 2014, a partir da entrada de um corpo docente concursado com formação predominante em nível de doutorado, tendo então suficiente experiência acadêmica para o delineamento deste novo curso. Até aquele momento predominavam no Departamento de Ensino Superior (DESU) professores contratados em regime temporário, o que não garantia a fixação e execução de projetos institucionais de maior alcance para o Departamento. Efetivamente, foram 28 docentes ingressantes em outubro de 2014 a partir da abertura de 39 vagas¹ em diferentes áreas de conhecimento gravitantes à Educação (Edital nº. 29/2013). Estava aberta então a possibilidade de criação de um curso *stricto sensu*, conforme meta traçada no PDI 2012-2016 e também ratificada no PDI 2017-2021.

Desse modo, ao longo de 2015 o corpo docente do DESU, agora ampliado pelo ingresso de novos docentes para dar suporte aos cursos presenciais e a distância de graduação, promoveu algumas reuniões para se pensar um programa de mestrado voltado à especificidade da instituição e de seu público-alvo, esboçando algumas linhas de pesquisa primordiais. Devido ao perfil e experiência prévia com o alunado de graduação desde 2006 (Curso Bilíngue de Pedagogia) e de pós-graduação *lato sensu* desde 2008, chegou-se ao consenso de que o curso a ser ofertado deveria estar na modalidade *mestrado profissional* na categoria interdisciplinar.

A opção pela modalidade *profissional* se justifica em função da demanda interna e externa ao INES/DESU para se pesquisar e produzir materiais didáticos que priorizem a visualidade e a forma de comunicação patrimonial dos surdos (língua de sinais), assim como manuais técnicos e metodologias de ensino próprias para o atendimento especializado do público surdo nas redes de ensino fundamental e médio, em instituições de ensino superior e também em espaços educacionais não-formais, demandando produtos que não se afastem do embasamento acadêmico necessário. Esta modalidade é favorecida pelo conjunto de professores que formam atualmente o DESU/INES e seus interesses de pesquisa, possuindo formações diversas e com discussões que predominam no interlace da Educação com a área de Letras e Linguística

¹ Estas vagas foram fomentadas pelo Programa *Viver Sem Limites*, que aceitou a proposta e designou ao INES a tarefa de construir e ofertar o curso bilíngue de graduação a distância em Pedagogia (EaD), atualmente em desenvolvimento no *Núcleo de Educação Online*, criado no INES em 2015 para atender a este fim.

(educação bilíngue de surdos), mas perpassando também pela Psicologia, Sociologia, Comunicação, Antropologia e História.

Podemos dizer que o trabalho do INES evidencia o seu protagonismo e atuação na perspectiva de garantir o direito à educação de crianças, jovens e adultos surdos, produzindo conhecimento e apoiando diretamente os sistemas de ensino para dar suporte às escolas brasileiras para que as mesmas ofereçam uma educação de qualidade a esses cidadãos surdos que demandam políticas de ensino que contemplem sua singularidade linguística e cultural. Enquanto instituição pública profundamente comprometida com o contexto local, regional e nacional, bem como com a qualidade de seu corpo docente e técnico-administrativo, o INES/DESU possui autonomia na delimitação das áreas prioritárias de pesquisa e desenvolvimento, consideradas estratégicas para avanço do país, no que tange à inclusão social de pessoas surdas. Para tal, sua trajetória tem solidificado eixos que consideramos primordiais como:

1) investigação e desenvolvimento de estratégias que contribuam para a formação de professores e profissionais de diferentes áreas para atuarem não somente na região sudeste, mas também nas demais regiões do país, de modo a romper, em definitivo, com as barreiras que ainda dificultam o avanço nos aspectos educativos de crianças, jovens e adultos surdos pela via da educação bilíngue;

2) busca de excelência na formação de profissionais, pela via da integração entre a graduação e a pós-graduação, a partir do aprimoramento de ações já em andamento, bem como a implementação de novas estratégias voltadas ao aprimoramento de seu corpo docente e discente, visando sempre o intercâmbio e a internacionalização do trabalho que vem desenvolvendo;

3) desenvolvimento de pesquisas nas áreas que envolvem educação de surdos e suas comunidades, consolidando seus grupos de pesquisa e linhas de investigação correspondentes;

4) respeito ao compromisso social, por meio de projetos de extensão e assessorias para fortalecimento e pleno reconhecimento das peculiaridades linguísticas e culturais dos saberes do grupo social em questão;

5) acompanhamento contínuo de suas ações aliadas às características culturais e variações dialéticas no uso da LIBRAS em diferentes regiões do país.

Neste contexto, o curso de pós-graduação *stricto sensu* é resultante de um trabalho que vem sendo desenvolvido pelo DESU/INES, que qualifica e ratifica ainda mais a Instituição como Centro de Referência Nacional na área de surdez. Acreditamos que a consolidação do mestrado profissional – uma modalidade de formação que objetiva a capacitação para uma prática profissional reflexiva e transformadora com foco na gestão, produção e aplicação do conhecimento – ratifica a vocação do INES/DESU na direção da solução de problemas e/ou proposição de inovações, por meio do uso do método científico e da atualização do conhecimento, das dificuldades educativas ainda enfrentadas pelos alunos surdos brasileiros.

Assim, para dar continuidade e aprimorar com êxito essa nova etapa institucional – a implementação do Curso de Mestrado Profissional em Educação Bilíngue para Surdos – apresentamos os possíveis impactos que o mesmo poderá proporcionar em âmbito regional e nacional:

1) Ampliação do número de surdos com formação em nível *stricto sensu*, possibilitando a entrada de professores surdos no magistério superior, assim como em cursos de doutorado, e sua inserção acadêmica como protagonistas na autoria de cursos de formação, livros, artigos e pesquisas acadêmicas na área da surdez.

2) Possibilidade de qualificação de professores e tradutores-intérpretes já atuantes em instituições de ensino fundamental, médio e espaços não-formais, que obterão formação específica em um ambiente especializado na área da educação bilíngue para surdos, aplicando suas produções na solução de problemas encontrados em suas ambientes de atuação profissional.

3) Sistematização do conhecimento na área da surdez, ampliando o raio de ação do INES como Centro de Referência, através do acúmulo e tratamento de saberes acadêmicos e sua difusão por meio de seu amplo programa de assessorias técnicas a prefeituras e setores do poder público voltados ao atendimento de surdos.

4) Consolidação do INES como local de encontro, difusão de estudos, formação de parcerias e desenvolvimento de projetos de pesquisa na interface sociedade-instituições de ensino-academia, através do fortalecimento de seus grupos de pesquisa, revistas e eventos acadêmicos.

2. OBJETIVO DO CURSO

O curso tem como objetivo principal a formação de profissionais para atuarem na área de Educação Bilíngue para Surdos, em seus múltiplos desdobramentos nas áreas de Educação, Educação Especial, Letras/Linguística e Artes, evidenciando o caráter interdisciplinar que constitui historicamente o campo. Para tanto, propõe-se, através desse Mestrado Profissional, estimular a criação e sistematização de reflexões e ações relacionadas às metodologias, aos objetos educacionais e às práticas para atendimento ao público surdo, bem como problematizar os artefatos e as propostas já existentes no cenário da educação para surdos.

Para atingir os objetivos supracitados serão considerados os aspectos interdisciplinares e as práticas que contemplam conhecimentos acadêmico-profissionais voltados para os seguintes perfis de alunos: professores dos diferentes níveis de ensino, segmentos e modalidades, tradutores-intérpretes de Libras/Língua portuguesa e demais perfis que possam contribuir para a área da educação bilíngue para surdos.

3. PERFIL DO PROFISSIONAL A SER FORMADO

Frente à demanda crescente e a lacuna de profissionais que aliem a teoria à prática para atuarem na educação bilíngue para surdos, pretendemos formar mestres para atender as seguintes áreas: formulação de políticas públicas nas diversas esferas governamentais; gestão pública e com atuação no terceiro setor; tradução-interpretação em ambientes voltados à educação de surdos; docência de línguas e de outras disciplinas; atuação em museus, bibliotecas e salas de leitura, além de espaços não formais que desenvolvam ações de acessibilidade física, cultural e linguísticas para surdos; produtores de materiais midiáticos, educacionais e artísticos voltados às comunidades surdas.

Dessa forma, o perfil dos egressos está conexo às áreas e linha de pesquisa elencadas, tendo como princípio basilar o respeito à equidade por quaisquer grupos sociais minoritários.

4. CORPO DOCENTE

O corpo docente permanente é constituído por doutores pertencentes ao quadro funcional do INES que atuam nos dois departamentos de ensino da instituição: no DESU (Departamento de Ensino Superior), que contempla as atividades de graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão, seguindo a perspectiva educacional bilíngue; e no DEBASI (Departamento de Ensino Básico) que constitui o Colégio de Aplicação com profissionais que atuam na Educação Básica, a partir de uma perspectiva bilíngue de educação e também desenvolvem atividades de pesquisa e extensão.

O curso conta com professores doutores na condição de colaboradores externos.

Professores do INES	
Ana Regina Campello	DESU/INES
Cláudia Pimentel	DESU/INES
Cristiane Correia Taveira	DESU/INES
Fernanda Beatriz Caricari de Moraes	DESU/INES
José Renato de Carvalho Baptista	DESU/INES
Lívia Buscácio	DEBASI/INES
Luiz Alexandre da Silva Rosado	DESU/INES
Luiz Claudio da Costa Carvalho	DESU/INES
Sara Moitinho	DESU/INES
Solange Rocha	DESU/INES
Tanya Amara Felipe de Souza	DESU/INES
Valéria Campos Muniz	DESU/INES

Maria Izabel Garcia	DESU/INES
Colaboradores externos	
Danielle Mendes	UFRJ

5. ACESSO AO CURSO

O acesso ao curso é anual e realizado através de edital próprio de seleção.

O candidato à admissão deverá ter o diploma de curso superior em áreas afins à Educação, à área de Letras e Linguística, à Educação Bilíngue de surdos ou às temáticas desenvolvidas pelas linhas de pesquisa do Curso

Todos os nossos cursos, de graduação e de pós-graduação, possuem em seus processos seletivos 50% das vagas garantidas para candidatos surdos e outras 50% para candidatos não surdos.

6. INTEGRALIZAÇÃO DO CURSO

O Programa de Pós-graduação em Educação Bilíngue É composto por 1 Área de Concentração (Educação Bilíngue) e 3 Linhas de pesquisa a ela subordinada.

O Curso de Mestrado Profissional é composto de 27 créditos (1 crédito acadêmico equivale a 15 horas/aula), a serem integralizados em 24 meses, com prazo máximo de 30 meses (6 meses de prorrogação) após pedido ser avaliado pelo colegiado do curso, distribuídos em:

15 créditos em Disciplinas obrigatórias do núcleo comum a todos os alunos

- 3 créditos em disciplina de “Fundamentação teórica - Educação bilíngue para Surdos”
- 3 créditos em “Metodologia da pesquisa” - obrigatória
- 3 créditos em “Seminário de pesquisa I” - obrigatória
- 3 créditos em “Seminário de pesquisa II” - obrigatória
- 3 créditos em Trabalho de conclusão de curso (dissertação de mestrado) - obrigatória

9 créditos em Disciplinas das Linhas de pesquisa

- 6 créditos em disciplinas básicas da linha de pesquisa – escolher 2 disciplinas
- 3 créditos em disciplina geral da linha de pesquisa

3 Créditos complementares

- 3 créditos em disciplina eletiva externa ao programa, opcional, decidida com o orientador. O aluno também poderá optar por 3 (três) créditos em disciplina eletiva interna, caso haja oferta, substituindo a escolha de uma disciplina eletiva externa.

- 3 créditos em participação em 2 semestres no grupo de pesquisa do orientador, caso não haja participação em disciplina eletiva externa. Crédito sujeito a relatório semestral do orientando.

1º período	2º período	3º período	4º período
<p>Obrigatória Geral sobre Educação bilíngue para surdos</p> <p>Obrigatória Geral sobre Metodologia da pesquisa</p> <p>Disciplina <i>geral</i> da Linha de pesquisa</p>	<p>Disciplina <i>específica</i> da Linha de pesquisa</p> <p>Disciplina <i>específica</i> da Linha de pesquisa</p> <p>Seminário de Pesquisa I com todos</p>	<p>Seminário de Pesquisa II com orientador (+ participação no Grupo de Pesquisa ou Disciplina eletiva)</p>	<p>Trabalho final de conclusão do mestrado</p>
Fundamentação Teórica e Projeto de Pesquisa		Execução da pesquisa e Escrita da Dissertação	
Participação no Grupo de Pesquisa do orientador – complementar caso não cumpra eletiva externa (3 créditos distribuídos em 2 semestres)			

Total de horas do curso: 405 horas / 27 créditos

Serão considerados aprovados em cada disciplina os alunos que obtiverem conceitos AP (nota igual ou superior a 7,0) e frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária total da disciplina.

7. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS

Esta área tem como eixo central a Educação Bilíngue de Surdos, em seus desdobramentos nas áreas de Educação, Educação Especial e Linguística, Letras e Artes. Tais desdobramentos articulam-se através de três linhas de pesquisa: “Educação de surdos e suas interfaces”; “Língua e Linguagens”; “Surdos: Memória, Marcadores Linguísticos, Culturais e Territoriais”. Estas linhas apresentam propostas em diálogo permanente, o que pressupõe pontos de contato e de especificidades, que convergem para a percepção da Educação Bilíngue de Surdos como campo interdisciplinar e de pesquisa que contempla conhecimentos e práticas acadêmico-profissionais em uma relação solidária e complementar.

Desse modo, pretende-se desenvolver um quadro de produção de conhecimento coerente, capaz de articular a produção científica das três linhas de pesquisa e promover elementos para a verticalização do conhecimento do mestrando, de modo a provocar a reflexão sobre a sua vivência profissional, no qual se promova uma *práxis* que impacte no processo de atuação do aluno como professor e/ou tradutor-intérprete de Libras-

Português. Nesse sentido, destaca-se a proposição de pesquisas de cunho qualitativo e quantitativo com procedimentos variados, tendo em vista produzir metodologias e objetos educacionais. Articulam-se, assim, em nossa proposta, reflexão, ação, teoria e prática, com o fito de levar o mestrando a uma postura profissional autoanalítica e transformadora.

A partir de diferentes abordagens metodológicas, busca-se contribuir de forma sólida para os processos formativos dos mestrandos. Para tanto, intenta-se fornecer elementos para a pesquisa sobre educação de surdos, tanto em espaços formais quanto não-formais de educação, através do levantamento e mapeamento diacrônico e sincrônico de suas dinâmicas, em uma perspectiva multifocal, que considere a diversidade e os múltiplos aspectos e abordagens existentes. Desse modo, concebe-se como fundamental pensar as contribuições que advirão do curso como promotor de estudos e pesquisas conexos aos campos da educação, da língua, da literatura, da arte, da cultura, da memória e da história como caminhos para a investigação e o aprofundamento analítico no que tange à educação bilíngue de surdos.

Os egressos do curso devem ter a oportunidade de desenvolver um exercício de criticidade permanente frente às demandas atuais pelo respeito à equidade por quaisquer grupos sociais minoritários e não apenas se aterem à formação acadêmica que a pesquisa possibilita. Desse modo, o curso pretende envolver o mestrando nos diferentes aspectos das recentes categorias geradas em torno da pesquisa em educação de surdos: sua história; sua modalidade linguística; as disputas em torno da educação inclusiva e bilíngue; a dissonância entre as leis em vigor e as relações com o Estado; e a luta pelo direito à acessibilidade, pela via da equidade.

Nossos alunos produzirão materiais de diferentes modalidades a fim de contribuir para que práticas possam ser reinventadas no âmbito do debate da educação bilíngue de surdos em diferentes contextos, nacionais e internacionais, em especial na América Latina. Assim, discussões sobre gêneros literários, comunicação digital, interculturalidade, pontos de contatos e rupturas entre categorias como identidade, povos e comunidades de surdos, espaços de produção de territorialidade, dentre outros, serão oportunizados aos mestrandos de forma a ampliar a produção de conhecimento interdisciplinar sobre os surdos.

8. LINHAS DE PESQUISA

LINHA DE PESQUISA 1: Educação de surdos e suas interfaces

Interface é um termo que adquire diferentes interpretações de acordo com o campo científico em tela. De modo geral, interface se refere a pontos de contato entre áreas, saberes, conhecimentos e pessoas que se tocam em uma fronteira comum, com grande chance de intercâmbio e formação de uma "coisa outra" que se distingue dos fragmentos originais. Nesta linha de pesquisa, sem apagar ou deixar de reconhecer diferenças e particularidades, buscaremos estes pontos em comum, objetivando ampliar

enfoques e visões que gerem novos conhecimentos sobre a educação de surdos e sua língua primeira, a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Tocaremos bordas aparentemente tão distintas como Didática, Infância, Direitos Humanos, Políticas Públicas, Novas Tecnologias, Linguagens.

São saberes que nos ajudarão no desenvolvimento do que hoje se vislumbra como educação bilíngue de surdos (Libras / Língua portuguesa); educação essa praticada em maior ou menor intensidade nos espaços de ensino infantil, fundamental, médio e superior do nosso instituto, o INES, mas que hoje busca ampliar instrumentos legais e materiais para sua expansão em instituições públicas e privadas, atendendo uma demanda histórica de pessoas usualmente privadas da educação formal.

Longe de dizer que este processo está concluído, que esta forma de educação já está consolidada, sabemos da longa história de luta política por reconhecimento empreendida pelos surdos e materializada na consolidação de leis e espaços próprios à educação bilíngue nas últimas três décadas. Logo reconhecemos que, pelo contrário, existe a urgência de refletirmos e produzirmos fundamentações teóricas e registros de metodologias e artefatos pedagógicos da educação bilíngue, visando dar vez aos saberes emanados da comunidade surda em suas práticas pedagógicas com os agentes envolvidos nesta modalidade de educação: professores surdos e ouvintes, instrutores surdos, intérpretes (Libras/Língua portuguesa) surdos e ouvintes, alunos surdos e ouvintes.

Nessa caminhada através de bordas atritadas, entre tensões linguísticas, políticas e (inter)culturais, vislumbramos alguns eixos de pesquisa basilares a serem construídos e consolidados ao longo de nossa atuação como pesquisadores: primeiro, a necessária produção de materiais didáticos bilíngues, em diferentes mídias e modalidades, sob o enfoque das pedagogias surdas e visual, observando o entrelaçamento de matrizes de linguagem e pensamento, assim como as preciosas contribuições originárias da arte; em segundo lugar, percebemos o urgente compromisso com a elaboração de metodologias próprias de ensino-aprendizagem que abarquem as especificidades dos ambientes de educação bilíngue e o uso da visualidade, acompanhando nesses espaços a emergência da cultura e comunicação digital e seus meios multimodais; por último, em nossa atuação política, sabemos a importância do reconhecimento das diferenças, da identificação de barreiras e do mapeamento de direitos dos grupos culturais surdos, sob o enfoque da interculturalidade. Estes eixos de interesse se tornam centrais nesta linha de pesquisa, com a produção de "conhecimentos outros".

LINHA DE PESQUISA 2: Língua e Linguagens

A partir de reflexões sobre a língua como um patrimônio sociolinguístico que define uma identidade, constituída de enunciados e vozes, que reflete uma multitude de valores verbo-ideológicos e sociais historicamente interligados, desde o início da década de 1980, novos paradigmas vêm ajudando à construção de propostas de “Educação/Escola Bilíngue” para Surdos no Brasil, considerando também as

reivindicações das comunidades surdas que vêm exigindo que seus direitos linguísticos e culturais sejam respeitados.

No entanto, sua língua preferencial, enquanto patrimônio histórico-social, está em uma situação diglôssica, sendo considerada de menor prestígio, e o português, no caso do Brasil e demais países de língua portuguesa oficial, lhes é imposto como língua majoritária. Por isso, os surdos não têm um conhecimento metalinguístico de sua língua patrimonial, já que essa língua não é também ensinada nas escolas como primeira língua - L1 e nem como segunda língua - L2, enquanto disciplina para os alunos surdos e ouvintes. Por outro lado, o ensino de português para a maioria dos alunos surdos não têm apresentado resultados satisfatórios, o que tem acarretado problemas de aprendizagem nas demais disciplinas curriculares.

Buscando refletir e apresentar propostas sobre o paradigma da educação bilíngue para surdos, a linha “Língua e linguagens” tem como proposta analisar e produzir conhecimento referente à Libras, à Língua Portuguesa e demais linguagens, num duplo movimento, percebendo a linguagem como processo de significação, constituído historicamente, e como diferentes estratégias de produção de registro e de comunicação verbal, não verbal e literária, também a partir de uma perspectiva multimodal.

Tendo em vista também a relação entre língua-linguagens, sujeito e memória e levando em conta tal elo no processo educacional, serão consideradas as políticas públicas e suas imbricações com o cotidiano escolar no que tange às condições materiais das práticas pedagógicas e o acesso aos bens historicamente valorizados e suas relações com a produção cultural dos surdos. Nesse sentido, os estudos compreendem as diferentes linguagens, como as escritas, as artes visuais, entre outras, como instrumentos de registro e de comunicação, fundamentais para a identificação dos sujeitos produtores de cultura, seus direitos como cidadãos e seus processos de inserção na sociedade.

Considerando esse contexto bilíngue e como toda língua é constituída por variações realizadas a partir de um contexto de uso (situacional) e de um contexto de cultura, sendo uma forma de inter (ação) humana, uma troca social de significados, em contextos específicos de situação (gêneros), essa linha de pesquisa pretende também avaliar e propor metodologias adequadas aos aprendizes de língua portuguesa e de Libras, levando em conta as singularidades linguísticas dos surdos e sua produção em ambas as línguas com relação aos gêneros acadêmicos e literários.

Assim, a partir do pressuposto de que, para a implementação de uma educação bilíngue para surdos, devem estar coarticuladas às políticas educacionais e linguísticas, bem como o respeito e envolvimento com as comunidades linguístico-culturais em que esta educação será construída, bem como suas comunicações através de mídias e online, esta linha de pesquisa tem como objetivos: Pesquisar propostas de educação bilíngues adequadas às especificidades educacionais dos surdos, considerando os diferentes contextos da Educação Básica e Superior; Produzir objetos de mediação que favoreçam a aprendizagem de crianças, estudantes e professores, considerando a Cultura e suas múltiplas linguagens; Refletir sobre questões teóricas e práticas relacionadas ao ensino da língua brasileira de sinais - Libras e da língua portuguesa como língua primeira - L1,

língua segunda – L2 e como línguas de instrução/veicular; Estudar a historicidade das práticas de ensino de línguas para surdos, considerando as tensões ideológicas e políticas no dizer sobre o surdo e as línguas, por meio da análise de manuais didáticos, políticas linguísticas, literatura surda, relatos dos atores envolvidos na educação de surdos, dentre outras materialidades.

LINHA DE PESQUISA 3 Surdos: Memória, Marcadores Linguísticos, Culturais e Territoriais

A presente linha de pesquisa tem como objetivo discutir questões pertinentes aos surdos a partir de um olhar histórico-sócio-antropológico-filosófico-linguístico. Para atender a esse objetivo, usaremos o caminho da memória social – uma fonte primária da história – e a ideia de marcadores territoriais – aqui entendido para além do universo da geografia cartográfica propriamente – e culturais a fim de traçarmos um novo olhar sobre o grupo social em questão: os surdos e suas comunidades.

Assim, as reflexões desenvolvidas pelos integrantes dessa linha encontram sua referência no campo das ciências sociais, tendo um viés metodológico qualitativo (etnografia, história oral, estudo de casos, manifestações culturais, narrativas, dentre outras), que contribuem para fazer insurgir aspectos histórico-linguístico-antropológicos tão peculiares a esse grupo. Tal fato faz com que os processos de subjetivação, atravessados pelo emprego de ideias como pertencimento/identidade/cultura/povo surdo, possam ser refletidos como marcadores de um espaço social que pretende – a partir da diferença, da língua de sinais e outros aspectos – alcançar a acessibilidade aos bens culturais de uma sociedade em caráter de equidade.

Os membros dessa linha de pesquisa se pautam no fato de que os surdos e suas diferentes formas de se organizar ainda têm muito a nos dizer sobre suas práticas, sua modalidade de língua, suas crenças e valores, seu *ethos*. Assim, pensamos que o recente movimento social de surdos-negros, mulheres-surdas, formação de lideranças, constituição de gênero, dentre outras questões, representam alguns dos lugares nos quais essa linha focalizará o desenvolvimento de suas pesquisas.

Vale ressaltar que nas últimas décadas, observa-se o avanço da luta das pessoas surdas de várias nacionalidades por seus direitos. No Brasil, podemos afirmar ser incontestável a visibilidade do ativismo político dos surdos, sobretudo na defesa de causas relacionadas a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Poucos grupos minoritários têm conseguido avançar na luta por seus interesses e expressar suas demandas de forma cada vez mais articulada e intensa perante a sociedade civil e o Estado, de modo a se afirmar como novos atores sociais frente às políticas públicas de inclusão ora em discussão.

De acordo com pesquisas e artigos, é importante para as militâncias de surdos a participação das crianças e jovens surdos em meio a seus pares, de modo a assegurar a

apreensão dos elementos que constituem sua forma peculiar de estar no mundo, o que garantiria a continuidade desse movimento social. Essa visão está pautada na ideia de que ao observarem surdos adultos, membros da liderança ou não, bem como ouvintes que partilham os mesmos anseios, as crianças e jovens surdos possam ser afetados por suas ações e, com isso, tenham a possibilidade de se tornarem membros ativos das comunidades. Esse entendimento está ancorado na crença de que para muitos surdos um evento fundamental em suas vidas é o encontro – pela primeira vez – com outros surdos.

Assim, essa linha do mestrado pretende investigar, através de um viés interdisciplinar, a insurgência dessas novas experiências dentro das condições históricas da vida atual dos membros desse grupo social, a fim de verificar a emergência de subjetividades e suas formas de expressão que causem ou não, rupturas em diversos pontos da rede de poder forjada por marcadores sociais como as ideias de identidade, povo e/ou comunidades de surdos, bem como as relações estabelecidas entre esse e um Estado que enfrenta dificuldades em suprir os anseios desse grupo. Desse modo, pretendemos nessa linha de pesquisa possibilitar o entendimento de tais aspectos, para que possamos melhor preparar profissionais e professores que atuarão na educação de surdos e áreas afins.

9. EMENTAS DAS DISCIPLINAS

DISCIPLINAS GERAIS

A) EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS

Carga horária: 45 h/a

Ementa

Posmodernidade, Teoria crítica, Multiculturalismo e Multilinguismo. Educação bilíngue para minorias e para os surdos. Desenvolvimento cognitivo e linguístico e aquisição da primeira e segunda língua. Estudos de princípios de Linguística e sua relação com o ensino e aprendizagem de línguas a partir de uma proposta de educação bilíngue para surdos.

Descrição

Essa disciplina tem como objetivo refletir o contexto atual caracterizado como posmodernidade, a partir da teoria crítica, considerando questões teóricas relacionadas ao multiculturalismo e multilinguismo, a partir das políticas nacionais e internacionais.

Serão apresentadas propostas de educação bilíngue em países que possuem: duas ou mais línguas majoritárias oficiais; e uma ou mais línguas majoritárias oficiais, além das minoritárias. Serão analisadas suas políticas educacionais, comparando-as também com as políticas educacionais no Brasil para minorias linguísticas, em especial as voltadas às comunidades surdas.

A partir de pressupostos teóricos sobre o desenvolvimento cognitivo e linguístico dos educandos surdos, serão analisados os processos de aquisição de primeira e segunda língua a fim de poder se pensar em propostas mais adequadas para educação bilíngue para surdos.

Referências Bibliográficas

Bibliografia Básica

BABER, Colin. Fundamentos de Educacion Bilingüe y Bilingüismo. Madri: Ediciones Cátedra. 1997.

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 2009.

COELHO, O & KLEIN, M. (org). Cartografias da Surdez. Comunidades, Línguas, Práticas e Pedagogia. Edições Livpsic. Porto. 2013.

CONNOR, S. Cultura Pós-Moderna. Introdução às teorias do contemporâneo. Edições Loyola. São Paulo. 1992

FELIPE, T.A. Aquisição da linguagem e escolas bilíngues para surdos. Amazônia: revista do programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de educação da Universidade Federal do Amazonas, ano 17, nº1, jan./jun./2012 - Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012: p. 37 -62

_____ Atendimento Educacional Especializado (AEE): os discursos contraditórios das políticas educacionais inclusivas. Revista da Feneis Nº 46. Dezembro de 2011 / Fevereiro de 2012. p. 27-30. (2012a)

_____ Políticas Públicas para a Educação dos Surdos. Anais do Congresso Internacional do INES. Rio de Janeiro: INES, Divisão de Estudos e Pesquisas, 2011. No prelo. (2012b)

_____ Bilinguismo e Educação Bilíngue: questões teóricas e práticas pedagógicas. Fórum Permanente do INES. Rio de Janeiro: INES, Divisão de Estudos e Pesquisas, 2012. P.p. 7-22

_____ Política Públicas para Inserção da Libras na Educação de Surdos. Revista Informativo-Científico Espaço, Rio de Janeiro: INES, N.25/26, p.33-47; janeiro-dezembro/2006.

_____. A Escola para Surdos e as Metas: repensando o Currículo numa Perspectiva Bilíngue e Multicultural. Anais do Seminário Surdez, Cidadania e educação: Refletindo sobre os Processos de Exclusão e Inclusão. Rio de Janeiro: INES, Divisão de estudos e Pesquisas, p.180-192, 1998.

_____. Escola Inclusiva e os direitos linguísticos dos surdos. Revista Espaço, Rio de Janeiro: INES, Divisão de estudos e Pesquisas, Vol. 7. P. 41-46, 1997

_____ Por uma Proposta de Educação Bilíngüe. Revista Espaço - INES, Rio de Janeiro: INES, Divisão de Estudos e Pesquisas V. no. 2, p. 75-92, 1992a.

_____ Bilingüismo e Informática Educativa. In Revista Integração. Brasília. (6): 11-14, ano III, 1990

_____ Bilinguismo e Surdez in Trabalhos de Linguística I Aplicada. Campinas, (14): 101-112, jul./dez. 1989a.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MAHER, T. O dizer do sujeito bilíngüe: aportes da sociolingüística. Anais do Seminário Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngüe para Surdos. Rio de Janeiro: INES & Editora Littera Maciel, 1997.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROCHA, S. O INES e a Educação de surdos no Brasil. Rio de Janeiro: INES. Vol 1. 2ª edição. 2008

SILVA, I.R.; FAVORITO, W. Surdos na Escola: Letramento e Bilinguismo. 1. Ed. São Paulo: Rever - Produção Editorial e Edição de Texto, V. 1. 2009.

THOMAS, A. S.; LOPES, M.C. (org.) A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2004

Bibliografia Complementar

BAKER, C. Bilingual Education and Bilingualism. 4th edition. Multilingual Matters, 2006.

BEST, S.; KELLNER, D. Postmodern Theory: critical interrogations. New York: The Guilford Press. 1991

DERRIDA, J. O monolinguismo do Outro ou a prótese da origem. Tradução de Fernando Berardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

HAMERS, J.; BLANC, M. Bilinguality and Bilingualism. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MARCHESE, A - El desarrollo cognitivo e linguístico de los niños sordos: perspectivas educativas. 1 ed. Madrid, Alianza, 1987.

MUÑOZ, C, (ed.). Segundas Lenguas. Aquisición en el aula. Barcelona: Ariel Lingüística. 2000.

QUADROS, R.M. Educação de surdos: aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed. 1999

SKLIAR, C. (org). Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos. Porto Alegre: Editora Mediação. Volumes 1 e 2. 1999.

B) METODOLOGIA CIENTÍFICA

Carga horária: 45h

Ementa

Aspectos históricos do conhecimento e seus novos paradigmas; Senso comum e ciência; Ciência e relações de poder; Critérios de cientificidade: críticas e utopias; Metodologias quantitativas: pressupostos e técnicas; Metodologias qualitativas: pressupostos e técnicas; Formas de análises de resultados; Normas escritas (ABNT) e visuais (Revista Brasileira de Registro Visual de LIBRAS) das entradas de dados; Leituras de pesquisas e Práticas de Pesquisa.

Descrição

Essa disciplina tem como objetivo abordar os diferentes métodos, instrumentos e procedimentos necessários para a elaboração de um trabalho acadêmico e científico.

Partindo dos principais pressupostos que constituem as questões epistemológicas da ciência, discutirá as implicações entre o *laisse faire* do pesquisador e as instituições, diferenciando criticamente pesquisas de cunho quantitativo e qualitativo. Além de refletir sobre as questões relacionadas a pesquisa e seus meios de propagação/divulgação de resultados.

Referências Bibliográficas

BECKER, H. S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRANDÃO, C. R. (org.) Pesquisa Participante. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

COULON, A. Etnometodologia. Petrópolis: Vozes, 1995.

DEMO, P. Pesquisa e construção de conhecimento. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

_____. Metodologia Científica em Ciências Sociais. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.

ECO, U. Como se faz uma tese. 19ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207p.

KERLINGER, F. N. Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1980.

KUHN, T. A Estrutura das Revoluções Científicas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, B. & WOOLGAR, S. A Vida de Laboratório. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

MORA, A. M. S. A Divulgação da Ciência como Literatura. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MORIN, E. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

NEVES, L. F. B. A construção do discurso científico. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.

ORFANIDOU, Elen, WOLL, Bencie and MORGAN, Gary. Research Methods in Sign Language Studies: A Practical Guide (GMLZ - Guides to Research Methods in Language and Linguistics) 1st Edition. Ed. Wiley-Blackwell. 2015

PESSIS-PASTERNAK, G. A Ciência: Deus ou Diabo?. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

RICOEUR, P. Interpretações e Ideologias. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SÁ, C. P. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.

C) SEMINÁRIO DE PESQUISA I

Carga horária: 45h

Ementa

Nesta disciplina, os alunos apresentam e discutem o seus projetos de pesquisa como parte do desenvolvimento prático a partir da disciplina Metodologia Científica, com a dinamização de dois professores avaliadores fixos, das observações prévias dos alunos integrantes da disciplina e com a presença de seu orientador para a defesa do projeto de seu orientando. A aprovação do aluno nesta disciplina equivale ao Exame de Qualificação de Mestrado.

Referências Bibliográficas

BECKER, H. S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. 4a ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRANDÃO, C. R. (org.) Pesquisa Participante. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

COULON, A. Etnometodologia. Petrópolis: Vozes, 1995.

DEMO, P. Pesquisa e construção de conhecimento. 4a ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

_____. Metodologia Científica em Ciências Sociais. 3a ed. São Paulo: Atlas, 1995.

ECO, U. Como se faz uma tese. 19a ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207p.

KERLINGER, F. N. Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1980.

KUHN, T. A Estrutura das Revoluções Científicas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, B. & WOOLGAR, S. A Vida de Laboratório. 10a ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. LEFFA, Wilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

MORA, A. M. S. A Divulgação da Ciência como Literatura. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. MORIN, E. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

NEVES, L. F. B. A construção do discurso científico. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.

ORFANIDOU, Elen, WOLL, Bencie and MORGAN, Gary. Research Methods in Sign Language Studies: A Practical Guide (GMLZ - Guides to Research Methods in Language and Linguistics) 1st Edition. Ed. Wiley-Blackwell. 2015

PESSIS-PASTERNAK, G. A Ciência: Deus ou Diabo?. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

RICOEUR, P. Interpretações e Ideologias. 4a ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SÁ, C. P. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.

D) SEMINÁRIO DE PESQUISA II

Carga horária: 45h

Ementa

Nesta disciplina, os alunos aprofundam o desenvolvimento de seus projetos de pesquisa a partir de Seminário de Pesquisa I, trabalhando diretamente com a presença de seu orientador e o grupo de orientandos dele. Esta disciplina também poderá ser oferecida na forma de orientação coletiva associada, com professores da mesma linha de pesquisa e seus orientandos. Esta disciplina é pré-requisito para a Defesa de Dissertação e já deve apresentar um componente de execução do projeto de pesquisa, incluindo o desenvolvimento parcial de produtos e do texto da dissertação de mestrado.

Referências Bibliográficas

BECKER, H. S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. 4a ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRANDÃO, C. R. (org.) Pesquisa Participante. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

COULON, A. Etnometodologia. Petrópolis: Vozes, 1995.

DEMO, P. Pesquisa e construção de conhecimento. 4a ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

_____. Metodologia Científica em Ciências Sociais. 3a ed. São Paulo: Atlas, 1995.

ECO, U. Como se faz uma tese. 19a ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207p.

KERLINGER, F. N. Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1980.

KUHN, T. A Estrutura das Revoluções Científicas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, B. & WOOLGAR, S. A Vida de Laboratório. 10a ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

MORA, A. M. S. A Divulgação da Ciência como Literatura. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. MORIN, E. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

NEVES, L. F. B. A construção do discurso científico. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.

ORFANIDOU, Elen, WOLL, Bencie and MORGAN, Gary. Research Methods in Sign Language Studies: A Practical Guide (GMLZ - Guides to Research Methods in Language and Linguistics) 1st Edition. Ed. Wiley-Blackwell. 2015

PESSIS-PASTERNAK, G. A Ciência: Deus ou Diabo?. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

RICOEUR, P. Interpretações e Ideologias. 4a ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SÁ, C. P. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.

LINHA DE PESQUISA 1: Educação de surdos e suas interfaces

A) ESPAÇO, AMBIENTE, ROTINA, LINGUAGEM E CULTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Carga horária: 45 horas / 15 aulas

Ementa

Os três primeiros meses de vida e a relação entre corpo, afeto e linguagem; a construção de rotinas e a compreensão do mundo; a organização dos espaços e a autonomia da criança em ambientes de creche e pré-escola; sinal, índice, símbolo e signo e o desenvolvimento da linguagem; leitura, escrita e diferentes formas de registro da língua de sinais na educação infantil; a relação das crianças com brinquedos, livros de literatura infantil e registros de língua de sinais; critérios de qualidade para a produção de materiais didáticos multimodais; planos de aula e projetos na educação infantil.

Descrição

Nos primeiros anos de vida, a criança percebe-se parte de um ambiente humano em que se compartilha e se produz linguagem. Nessa etapa da vida, escola e família têm diferentes funções na ampliação do acesso à cultura. Observações dos primeiros meses de vida das crianças indicam que, antes de aprender uma língua, adultos e crianças esforçam-se por compreender seus sentimentos através das expressões corporais, das rotinas e dos ambientes. Desde cedo, diferentes formas de dizer informam a criança sobre si e sobre o mundo, para além das palavras, sendo que a aquisição de uma língua estruturada introduz a criança num processo histórico de regras e significados partilhados socialmente, garantindo a circulação em esferas cada vez mais abrangentes da realidade.

Autores como Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin contribuem para a compreensão da relação entre linguagem, cultura e constituição dos sujeitos, ao analisarem literatura (BAKHTIN, 1976; BENJAMIN, 1993) e brinquedos (BENJAMIN, 1997). O estudo das obras de autores como Piaget (1976) e Vygotsky (2001) dão sustentação teórica para perceber, a partir de diferentes matrizes epistemológicas, a relação entre o pensamento e a linguagem. Essas são algumas bases teóricas para a compreensão de índices, sinais, símbolos e signos como ferramentas indispensáveis para uma pedagogia dialógica.

A análise de livros de literatura infantil destaca suas características multimodais, pois além da escrita incluem os modos de comunicação visuais - imagens, projetos gráficos - sendo que sua leitura para as crianças agrega comunicações gestuais, dentre outras estratégias de partilha de sentidos. Segundo Street (2014), essa diversidade de formas simultâneas de produzir sentidos, a multimodalidade, foi incorporada tanto pelos meios de comunicação mais tradicionais, como livros e jornais, quanto pelos mais modernos, como computadores, celulares, televisão entre outros. Os brinquedos, por sua vez, segundo Brougère (2010), encontram na contemporaneidade uma complexidade crescente nas narrativas graças a mídias como a televisão e os videogames.

A convergência de modos de produzir sentidos aponta para a relação entre estética e ética e instrumentaliza a produção de materiais didáticos para a primeira infância que relacionem a língua de sinais, a língua portuguesa escrita, fotografias entre outras formas de dizer que contribuam para a ampliação de repertório linguístico das crianças de zero a cinco anos de idade, baseada na relação entre afeto e compreensão. A junção de diversos elementos do cotidiano infantil tais como espaços, rotinas, relações afetivas e materiais didáticos são elementos constituintes de propostas pedagógicas, planos de aula, projetos pedagógicos e ambientes de aprendizagem.

Objetivos da disciplina

1. Reconhecer várias formas de produção de sentido, considerando gestos, sinais, símbolos, signos, espaços e diferentes produtos da cultura voltados para as crianças em ambientes de aprendizagem na educação infantil.
2. Conhecer, analisar e produzir materiais didáticos que garantam o acesso a língua portuguesa escrita, a fotografias de sinais de Libras, a símbolos e a outros modos de produção de sentido e de ampliação do acesso à cultura.
3. Elaborar propostas pedagógicas, planos de aula e projetos para a educação infantil garantindo o acesso à Libras e à Língua portuguesa escrita.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas – Rua de mão única, vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. 8 ed. São Paulo, Cortez, 2010.
- REYES, Yolanda. A casa imaginária Leitura e literatura na primeira infância. São Paulo, Global Editora, 2010.
- STREET, Brian. Multimodalidade. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva, VAL; Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Org.). Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: FaE-UFMG, 2014. p.229-231.
- Voloshinov, V. N.; Bakhtin, M. M. O discurso na vida e o discurso na arte. (tradução para o português, feita por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, tomou como base a tradução inglesa de I. R. Titunik (“Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”), publicada em V. N. Voloshinov, Freudism, New York. Academic Press, 1976.

B) INTRODUÇÃO À INSTRUÇÃO EM/DE LIBRAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Carga Horária: 45 horas/ 15 aulas

Ementa

Perspectiva política através dos movimentos sociais dos Surdos; Existência de material e didática para dominar as práticas pedagógicas contemporâneas; Repensar o discurso pedagógico da teoria para a prática—é com a necessária mudança de atitudes na prática educacional; Utilização de material para ensino diferenciado: letramento, ensino infantil, séries iniciais, ensino fundamental, ensino médio, ensino superior e pós graduação; Construção de conhecimento através da instrução em língua de sinais brasileira; Refletir e discutir sobre as práticas, ainda, inadequadas e em desacordo com as necessidades de uma pedagogia visual para alunos surdos.

Descrição

As atividades de pesquisa e produção de conhecimento baseadas no modelo conceitual da educação bilíngue foi implantada pelo *Grupo de Pesquisa de Língua de Sinais Brasileira (Libras) e Cultura Surda Brasileira* da FENEIS – *Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos* e pelos profissionais da educação e linguística que se engajaram no projeto e apresentaram o posicionamento com relação às propostas de Educação Inclusiva para Surdos e de Integração de Alunos Surdos na escola regular (ALBRES, 2010, apud FENEIS, 1999). No entanto, muitas escolas que aderiram à filosofia da educação bilíngue se equivocaram quanto à concepção de ensino—aprendizagem dos alunos Surdos. Historicamente, muitas escolas acompanharam o desenvolvimento das diversas filosofias educacionais—voltadas ao ensino de Surdos, tais como o oralismo e comunicação total, porém não conseguiram mudar o posicionamento de familiares e educadores após a promulgação da Lei 10.436/02, que reconhece a LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão e outros recursos de expressão a elas associados. No texto da referida Lei, a Libras é apresentada como forma de comunicação e de expressão que possui sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria e constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades Surdas do Brasil. Percebemos que há um estranhamento do diferente, pelo fato da língua ser de natureza espaço-visual, não sendo aceita e absorvida com suas diferenças e particularidades, o que proporcionaria maior equidade e acesso à cultura surda pela sociedade. Muitas escolas hesitam em aceitar a Libras e acabam preferindo a abordagem da Comunicação Total com o argumento da “Língua Portuguesa como produto legítimo a ser barganhado” (Albres, 2010) e pela resistência dos professores em aprender a primeira língua dos Surdos, por ser uma língua complexa e difícil de absorver visualmente. Para ampliar nossa argumentação, apresentaremos os fundamentos teóricos para reflexão sobre a utilização da Libras em sala de aula pelos professores resistentes à abordagem bilíngue.

Objetivos

- Apresentar pesquisas sobre o uso da Libras como instrução no ensino – aprendizagem dos alunos surdos pelos profissionais de ensino infantil, fundamental e superior;
- Entender o posicionamento dos profissionais que lidam com os alunos Surdos;
- Focalizar a problemática do uso de instrução e da proficiência dos profissionais.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei n. 10436, 24 abr.2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – e dá providências. Diário Oficial da União. Brasília, 2002.

_____. Decreto n. 5.626. Diário Oficial da União. Brasília, 2005.

COLEÇÃO PITANGUÁ. Instrução em Libras: Disciplina Português, Ciência, Matemática e História. DVD. Ed. Arara Azul. 2013.

MORAES, Maria Candida. O Paradigma Educacional Emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. Em Aberto, Brasília, ano 16. n.70, abr./jun. 1996 (acesso em novembro de 2014: <http://twingo.ucb.br/jspui/bitstream/10869/530/1/O%20Paradigma%20Educacional%20Emergente%20Ante.pdf>)

KARNOPP, Lodenir e QUADROS, Ronice. Educação infantil para surdos. IN:ROMAN, Eurilda Dias, STEYER, Vivian Edite. (Orgs.) A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado. Canoas. 2011, p. 214-230. (acesso em novembro de 2014: http://www.cultura-sorda.eu/resources/Karnopp_Muller_Educao_infantil_surdos_cero_seis_anos_2001.pdf).

LACERDA, Cristina & SANTOS, Lara Ferreira. Tenho Um Aluno Surdo, e agora? São Carlos: EDUFSCAR. 2013

QUADROS, Ronice; SCHMIDT, M. L. P. Idéias para ensinar português para alunos surdos. Secretaria de Educação Especial, Ministério da Educação. Brasília, 2006.

QUADROS, Ronice & PERLIN, Gladis. Estudos Surdos I, II e III. Ed. Arara Azul: Petrópolis. 2008 a 2010. PDF.

VERDUM, Priscila. Prática pedagógica: O que é? O que envolve?. Revista Educação por Escrito. PUCRS, v.4, n.1, jul. 2013 (acesso em agosto de 2015: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/viewFile/14376/9703>)

WILCOX, Sherman & WILCOX, Phyllis Perrin. Aprender a ver. Ed. Arara Azul. 2013. (<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro2.pdf>)

C) PRODUÇÃO DE ARTEFATOS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS (DISCIPLINA DA LINHA DE PESQUISA)

Carga horária: 45 horas / 15 aulas

Ementa

Matrizes de linguagem: verbal, visual e sonora e seus hibridismos e formas; as práticas pedagógicas em pedagogias surdas e visual; o enfoque da Educação bilíngue; a comunicação visual, o alfabetismo visual, o letramento visual, a didática visual e a experiência visual da surdez; a produção de artefatos por e para surdos e seu apelo imagético; a apropriação de habilidades e técnicas de leitura de imagens; o acesso a estilos e modos de expressão da(s) cultura(s) surda(s) e não-surda(s).

Descrição

Para Santaella, a multiplicidade de formas de linguagens (literatura, teatro, música, desenho, pintura, gravura, escultura) e os canais em que as linguagens se materializam (foto, cinema, televisão, jornal, rádio), demonstra combinações e misturas das três matrizes lógicas de linguagem: verbal, visual e sonora. A insuficiência de discussão sobre as matrizes de linguagem, principalmente no que se refere à visualidade e às mesclas entre as matrizes, nos impulsiona ao preenchimento da lacuna apontada por Lebedeff, sobre quais seriam as práticas pedagógicas advindas da necessidade discursiva da experiência visual da surdez e a quais eventos de letramento visual se referem esses discursos.

A motivação de nos debruçarmos sobre uma bibliografia que atente para as práticas pedagógicas em Pedagogias Surdas e visual, dentro do enfoque da Educação Bilíngue, torna-se contundente diante da necessidade do acesso ao bilinguismo segundo a legislação atual, mas não somente por isso, uma vez que, apenas analisando com profundidade este cenário, será possível contextualizar o que está em jogo: o letramento da pessoa surda ou o que significa ser letrado para o sujeito-ator surdo.

O letramento da pessoa surda demanda o entendimento de didáticas mais visuais no contexto da surdez e das pedagogias surdas. Os esforços de pesquisa de Lebedeff, Campello, Taveira e Rosado, com suas proposições para surdos, evidenciam o distanciamento do conteúdo didático visual na educação do adulto surdo, na formação de professores, como também nas estratégias de letramento de professores surdos e ouvintes. A característica principal da coleção de artefatos produzidos por e para surdos na prática pedagógica seria pautada pelo apelo ao imagético. Este apelo acrescenta outros olhares ao letramento, à leitura, à escrita, à produção literária e aos suportes que veiculam suas práticas pedagógicas dentro de um enfoque de Educação Bilíngue.

As pesquisadoras Dondis e Santaella nos fornecem as teorizações de base na área de comunicação visual e *visual literacy*. Para ambas, o letramento visual, alfabetismo ou alfabetização visual significa sistematização e, até mesmo, empoderamento de sujeitos que se apropriam das habilidades e técnicas de leitura de imagens, criando deste modo um corpo comum, um universal de significações e um refinamento de leitura próprio dos mais cultos, dos letrados.

Antes da essencialização do conceito de *visualmente letrado* e das respectivas técnicas necessárias para atingir tal objetivo, pensamos no empoderamento de professores surdos e ouvintes nas escolas, através do acesso à diversidade de estilos e modos de

expressões da(s) cultura(s) surda(s) e não-surda(s). Na concepção de Santaella, ler imagens por meio de outras imagens e, talvez, explicá-las por meio de substituições por outras imagens seria mais próximo da criação artística, muito mais do que constituir-se uma atividade didática, “como fazer”, o “para que fazer” e “por que fazer” do letramento visual. Essa concepção mais artística é consonante com o que sinalizada pela pesquisadora surda Strobel (2008).

Objetivos da disciplina

1. Discutir a importância do domínio das imagens, fotografias e vídeos, com uma mistura das três matrizes de linguagem, e a presença da, Libras e Língua Portuguesa e as concepções de Pedagogias Surdas e visual.
2. Apresentar os meios, os recursos e os produtos da prática pedagógica dos surdos (artefatos) destacando as características que combinam com o uso da visualidade.

Referências bibliográficas

Unidade I - Matrizes de linguagem, *Visual literacy*

DONDIS, D. A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SANTAELLA, L. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia. São Paulo: Iluminuras, 2009.

SANTAELLA, L. Leitura de imagens. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SANTAELLA, L. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 2012b.

TAVEIRA, C. C.; ROSADO, L. A. S. Por uma compreensão do letramento visual e seus suportes: articulando pesquisas sobre letramento, matrizes de linguagem e artefatos surdos. Revista Espaço, Rio de Janeiro, nº 39, jan. / jun. 2013, p. 27-42

Unidade II - Letramento visual, Letramento de surdos

LEBEDEFF, T. B. Análise das estratégias e recursos surdos utilizados por uma professora surda para o ensino de língua escrita. 28ª Reunião Anual da ANPED, 2005, Caxambu. Anais da 28ª Reunião Anual da ANPED. Rio de Janeiro: ANPED, 2005.

LEBEDEFF, T. B. Alternativas de letramento para crianças surdas: uma discussão sobre o Shared Reading Program. 30ª Reunião Anual da ANPED, 2007, Caxambu. Anais da 30ª Reunião Anual da ANPED, 2007. p. 1-15.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo "a ler" com outros olhos: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. Cadernos de Educação (UFPel), v. 36, p. 175-196, 2010.

LEBEDEFF, T. B. Práticas de Letramento na Pré-escola de Surdos: reflexões sobre a importância de contar histórias. In: THOMA, A.; LOPES, M. C. (Org.). A Invenção da Surdez. Santa Cruz do Sul - RS: EDUNISC, 2004, p. 128-142.

Unidade III – Pedagogias Surdas, artefatos multimídia e práticas visuais

CAMPELLO, A. R. e S. Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Doutorado de Educação, 2008, pp 166.

CANDAUI, V. M. (Org.). Escola, Didática e interculturalidade: Desafios atuais. In: CANDAUI, V. M. Didática crítica intercultural: aproximações, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a, p. 107-138.

CASTRO, N. P. A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais. 2012, 165 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina.

HOLCOMB, T. K. Compartilhamento de informações: um valor cultural universal dos surdos. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed ULBRA, 2011, p. 113-119.

KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: análise de literatura surda. Cadernos de Educação, FaE/PPGE/UFPel. Pelotas: (36), maio/agosto, p. 155-174, 2010.

LADD, P. Understanding deaf culture: in search of deafhood. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.

LADD, P.; GONÇALVES, J. C. do A. Culturas surdas e o desenvolvimento de pedagogias surdas. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed ULBRA, 2011, p.295-329.

MIRANDA, W. A experiência e a pedagogia que nós surdos queremos. Tese apresentada ao curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007, pp. 152.

ROSA, F. S.; KLEIN, M. Análises de professores surdos sobre elementos técnicos de sinalização na literatura surda em livros digitais. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. (Orgs.). Um olhar sobre nós surdos. Curitiba, PR: CRV, 2012, p. 187-197.

SHALLENBERGER, A. Comunidades surdas nas redes sociais: pela resistência e perpetuação da diferença através do humor. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. (Orgs.). Um olhar sobre nós surdos. Curitiba, PR: CRV, 2012, p. 77-85.

TAVEIRA, C. Por uma Didática da invenção surda: prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro. 2014, 365 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

D) TRANSIÇÕES TECNOLÓGICAS, CULTURA DIGITAL E SURDEZ

Carga horária: 45 horas / 15 aulas

Ementa

As transições tecnológicas; a oralidade, a escrita, a impressão, a mídia de massa, a mídiatização e a cultura digital; a oralidade primária; o papel da escrita na organização social e na memória coletiva; a revolução da prensa gutenberguiana; a mídia de massa no século XX; o nascimento da cultura digital; o computador como suporte unificador das mídias; a hibridização das linguagens no digital; o hipertexto e a hipermídia; as transformações nos modos de leitura e escrita; as repercussões da cultura digital na cultura surda; a escrita da Libras nos suportes digitais; a comunicação em Libras e o registro visual online; as comunidades virtuais e a desterritorialização e reterritorialização dos surdos.

Descrição

Partimos da perspectiva histórica e evolutiva de Pierre Lévy e Lucia Santaella para entender as fases e transições tecnológicas em curso, que potencializam-se e transformam-se através de hibridismos e refuncionalizações. Lévy fala em três tempos: a oralidade primária (a fala em grupos tribais, a conversa cotidiana, as fábulas), a escrita (anotações, pergaminhos, papiros e papel) e a informática (computadores e processamento automatizado de dados). Já Santaella traz seis momentos: a oralidade, a escrita, a impressão, a massificação, a mídiatização e o ciber.

A criação de artefatos tecnológicos e novas técnicas dita o ritmo dessas fases. É marcante o processo de criação dos alfabetos e dos pictogramas junto com a tinta e o registro em papel/papiro, analisados por Steven Roger Fischer e por Jack Goody sob o ponto de vista da organização social. No século XV vemos a criação da prensa e dos tipos móveis no contexto das oficinas alemãs e suas consequências sociais descritas por Peter Burke. O séc. XX é marcado pela reprodução em massa de textos (livros, jornais) e de imagens estáticas e em movimento (fotografia e cinema), levando aos questionamentos de Walter Benjamin sobre a aura e a autenticidade das obras de arte e ao deslumbramento de Georg Simmel com a metrópole urbana nascente. Chegamos aos primeiros esboços de computadores e os sofisticados aparelhos de conexão móvel contemporâneos.

A transição da escrita, com livro impresso dominante nos séculos XV ao XIX, para os formatos digitais contemporâneos foi explorada por Roger Chartier, atribuindo ao computador o poder de unir propriedades dos suportes físicos precedentes. Marca a nossa época a convivência dessas fases e a cultura que esses artefatos possibilitam com as apropriações humanas: cultura de massas, cultura das mídias e cultura digital. É marcante a hibridização de linguagens através dos artefatos digitais dando origem aos conceitos de hipermídia e de hipertexto.

Pensar essas transições no campo da surdez implica entender as repercussões desses artefatos e suas linguagens na cultura surda, nas apropriações de inúmeras tecnologias e artefatos presentes na comunicação entre surdos, especialmente os de configuração

digital. É preciso mapear essas mudanças através do olhar das transições tecnológicas do passado e do presente. São analisadas especialmente aquelas que afirmam e dão suporte à Libras como parte da identidade cultural surda (videoconferências, chats em vídeo e repositórios de vídeos online) e as que permitem a escrita das línguas de sinais, evitando a tradução constante para língua portuguesa na comunicação dos surdos, permitindo um novo modo de registro e memória coletiva. A cultura dos meios digitais e a cultura surda se hibridizam cada vez mais, permitem novas experiências, desterritorializando fisicamente comunidades e as reterritorializando no ciberespaço, ampliando o alcance das formas de comunicação e, conseqüentemente, da circulação de suas marcas culturais.

Objetivos

1. Compreender as 3 transições tecnológicas básicas.
2. Analisar os artefatos técnicos pela perspectiva histórica.
3. Identificar os hibridismos técnicos na comunicação contemporânea.
4. Relacionar as transições tecnológicas às apropriações culturais dos surdos.

Referências bibliográficas

Unidade I: Transições tecnológicas

Tecnologias

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência. São Paulo: Editora 34, 1993. CAPÍTULO II (p. 75 a 132)

SANTAELLA, L. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007. CAPÍTULOS 5, 8, 11

Momentos de transição

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: ____, Obras Escolhidas Vol. 1: magia e técnica, arte e política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 165-196.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (Org.). O fenômeno urbano. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. p. 11 a 25.

Complementares:

BURKE, Peter. Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

FISCHER, Steven Roger. História da escrita. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2009.

GOODY, J. A lógica da escrita e a organização da sociedade. Lisboa: Edições 70, 1987.

Unidade II: Transições tecnológicas e transformações nos modos de leitura e escrita

CHARTIER, R. Os desafios da escrita. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Ed. UNESP, 2002. CAPÍTULOS 1 e 5 (p. 11 a 32 e 101 a 123)

SANTAELLA, L. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2004. CAPÍTULOS 1 e 11 (p. 15 a 35 e 173 a 184)

Complementares:

FERNANDEZ, M. A. Percursos e estratégias de leitura-navegação de jovens universitários. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2009. CAPÍTULO 3 e CONCLUSÃO (p. 49 a 79 e 141 a 148)

GOMES, L. F. Hipertextos multimodais: leitura e escrita na era digital. Jundiaí: Paco Editorial: 2010.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação & Sociedade, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

Unidade III: Transições tecnológicas: leitura, escrita e modos de comunicação na surdez

Tecnologias digitais na surdez

AMORIM, M. L. C. Evolução de tecnologia assistiva para surdos no Brasil e no mundo. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Curitiba: CRV, 2012. p. 245 a 264.

CORRADI, J. A. M. Ambientes informacionais digitais e usuários surdos: questões de acessibilidade. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, UNESP. Marília, 2007.

PRIETCH, S. S. Aceitação de Tecnologia por estudantes surdos na perspectiva da Educação Inclusiva. 213 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, 2014.

Tecnologias digitais e escrita na surdez

ESTELITA, M. Escrita das línguas de sinais. In: QUADROS, R. M. de; PERLIN, G. (Orgs.). Estudos surdos II. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p. 212 a 237.

SILVA, F. I. Ler em SignWriting: possibilidades de desenvolvimento cognitivo da criança surda. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Curitiba: CRV, 2012. p. 199 a 211.

Complementares:

ESTELITA, M. ELiS – Escrita das línguas de sinais: proposta teórica e verificação prática. 197 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2008.

STUMPF, M. R. Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador. 329 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Porto Alegre, 2005.

Cultura digital e surdez

PINHEIRO, D. Produções surdas no Youtube: consumindo a cultura. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L.; Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed. ULBRA, 2011. P. 29 a 40.

SCHALLENBERGER, A. Comunidades surdas nas redes sociais: pela resistência e perpetuação da diferença através do humor. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Curitiba: CRV, 2012. p. 77 a 85.

E) EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO DE SURDOS.

Carga horária: 45 horas/15 aulas

Ementa

A gênese histórica dos direitos humanos. A relação entre direitos humanos e educação em direitos humanos. O desenvolvimento da Educação em DDHH no âmbito mundial e da América Latina. A experiência brasileira. O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. A formação de educadores e a educação em direitos humanos. Educação em direitos humanos: questões atuais e perspectivas futuras. Educação Intercultural e Educação em Direitos Humanos. As tensões entre igualdade e diferença. Educação Intercultural e formação de professores em contextos bilíngues.

Descrição

Esta disciplina introduz a reflexão sobre temas dos direitos humanos a partir do campo teórico dos estudos do direito e da educação intercultural com o diálogo com a educação em direitos humanos e a educação de surdos. Estudaremos o modo como os teóricos da educação em direitos humanos e educação intercultural tratam essa discussão oferecendo abordagens que permitem compreender as barreiras e as respostas para o acesso à justiça e a efetivação de direitos para os diferentes grupos culturais. A relação entre questões relativas à justiça, superação das desigualdades e democratização de oportunidades, e as referidas ao reconhecimento de diferentes grupos sociais se faz cada vez mais escassa. Segundo Vera Candau (2012) a promoção de educação em direitos humanos hoje exige que sejam trabalhadas três dimensões básicas, tais como: a formação de sujeitos de direito, favorecer o processo de empoderamento e, por último, o respeito aos processos de transformação necessários para a construção de sociedades verdadeiramente democráticas e humanas. No que diz respeito ao terceiro núcleo de referência teórica da disciplina, analisaremos experiências de educação intercultural, assim como de formação de educadores nesta perspectiva, que busca promover uma

educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Nossa proposta é estudar as diferentes concepções de educação intercultural e como, em cada contexto, a problemática da articulação entre igualdade e diferença é focalizada nas propostas educativas. A pesquisadora Vera Candau nos fornece uma ampla revisão bibliográfica nas temáticas da educação intercultural, educação em direitos humanos e formação de professores. Não se pretende apenas sistematizar esse conhecimento, nem tratar cada um desses temas isoladamente, mas sim de forma agregada - e mais do que isso, indissociável e interdependente. Por outro lado, as diversas experiências de educação em direitos humanos, no país e no exterior, têm levantado problemas pertinentes ao trato da questão democrática associada ao "direito fundamental à educação", assim como têm alertado para equívocos, no plano pedagógico, que devem ser rigorosamente analisados

Objetivos

A presente disciplina tem como objetivos analisar a gênese histórica da construção dos direitos humanos e sua problemática atual no contexto Nacional e Internacional; Compreender a relação entre o direito à educação e a educação em direitos humanos no contexto brasileiro e discutir o desenvolvimento da educação em direitos humanos no nosso país, identificando questões e desafios. Analisar as diferentes concepções presentes no âmbito da educação intercultural e as tensões entre elas.

Referências bibliográficas

Unidade I: Sociedade e Direitos: A problemática atual

ALVES, J. A. L. Os Direitos Humanos como tema global. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ALVES, J. A. L. Os Direitos Humanos na pós-Modernidade. São Paulo: Perspectiva, 2005

BALDI, C. A. Direitos Humanos na Sociedade Cosmopolita. Rio de Janeiro: Renovar, 2004

BOBBIO, N. A era dos Direitos. Rio de Janeiro: Campus, 1992

COMPARATO, F. K. A. A afirmação histórica dos Direitos Humanos. São Paulo: Saraiva, 2004 (3º ed.)

HUNT, LYNN. A invenção dos Direitos Humanos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

Unidade II: Direito à Educação e Educação em Direitos Humanos

CANDAU, VERA. Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos. Educação e Sociedade, Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, jul./set. 2012.

HADDAD, S. e GRACIANO, M (Orgs) A educação entre os direitos humanos. São Paulo: Autores associados/ Ação Educativa, 2006

MAGENDZO, A. (ed) Pensamiento e ideas-fuerza de la Educación en Derechos Humanos en Iberoamerica Santiago de Chile: Ediciones SM, OIE-Chile y UNESCO, 2009

SACAVINO, Susana. Educação em/para os direitos humanos em processos de democratização: o caso do Chile e do Brasil. 2008. Tese (Doutorado em Educação)-Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2008.

SACAVINO, Susana. Democracia e Educação em Direitos Humanos na América Latina. Rio de Janeiro: DP et Alli edit; Novamerica; APOENA, 2009

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Educação em/para direitos humanos: entre a universalidade e as particularidades, uma perspectiva histórica. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy; DIAS, Adelaide Alves; FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; FEITOSA, Maria Luiza Pereira de Alencar Mayer; ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares, (Org.). Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos. João Pessoa: EdUFPB, 2007. p. 245-274.

SILVA, Aida Maria Monteiro. Didática e práticas pedagógicas de direitos humanos no cotidiano escolar: desafios e perspectivas. In: ALMEIDA, Maria Isabel de et al. (Org.). Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula. Trabalhos apresentados no XVI Endipe - XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, realizado em Campinas, SP, de 23 a 26 de julho de 2012. E-book. Araraquara: Junqueira&Marin, 2012. Livro 1, p. 242-252.

_____. Direitos humanos na educação básica: qual o significado? In: SILVA, Aida Maria Monteiro; TAVARES, Celma (Org.). Políticas e fundamentos da educação em direitos humanos. São Paulo: Cortez, 2010. p. 41-63.

ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares. Globalização, educação em direitos humanos e currículo. Espaço de Currículo, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 166-188, mar./set. 2008.

_____. A produção histórica dos direitos humanos. In: FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; DIAS, Adelaide; ZENAIDE, Maria Nazaré Tavares (Org.). Direitos humanos na educação superior: subsídios para educação em direitos humanos. João Pessoa: Universitária, 2010. p. 141-170.

Unidade III: Educação Intercultural, Direitos Humanos e o diálogo com as diferenças

CANDAU, V. M. (2008b) Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. Revista Brasileira de Educação, v.13, n. 37

CANDAU, V. M. Interculturalidade e educação escolar; IX ENDIPE, Águas de Lindóia, 1998.

CANDAU, V. M. Educação Intercultural no contexto brasileiro: questões e desafios; II Seminário Internacional de Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sócias, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003a.

CANDAU, V. M. (org) Educação Intercultural e Cotidiano escolar Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006

TAVEIRA, C. Por uma Didática da invenção surda: prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro. 2014, 365 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LINHA DE PESQUISA 2: Língua e Linguagens

A) CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM NO ENSINO DE LÍNGUA PARA SURDOS

Carga horária: 45 horas

Ementa

O objetivo da disciplina é discutir e analisar as tensões que perpassam o ensino de língua portuguesa para surdos, averiguando como diferentes concepções de língua e de linguagem comparecem em manuais didáticos, gramáticas e outros materiais, e incidem em modos e práticas de ensino de línguas para surdos. Para tanto, serão analisadas, pela perspectiva da História das Ideias Linguísticas (AUROUX, ORLANDI), pela Análise de discurso (PÊCHEUX, ORLANDI), definições de língua e linguagem conforme as distintas correntes da gramática e da linguística, buscando a relação com as práticas de ensino de língua portuguesa para surdos, considerando as tensões na história da educação de surdos e nos saberes linguísticos (AUROUX,1992). Serão apresentadas as conceituações de língua e linguagem na história da gramática (MATTOSO, 2011) e em autores fundadores de diferentes ramos da linguística (SAUSSURE, BAKHTIN, LABOV, CHOMSKY, FOUCAULT, MAINGUENEAU, dentre outros) para compreender de que modo as distintas definições atravessam práticas e dizeres desde o oralismo ao bilinguismo (SKLIAR, FELIPE), produzindo ideias e saberes no ensino de língua portuguesa para surdos e como a LIBRAS é significada neste processo. Será visto como muitas dessas práticas e dizeres são regidas por um discurso ainda fortemente marcado por uma ideia de erro no educando surdo. Logo, serão discutidos os processos histórico-discursivos do ensino de língua portuguesa para surdos em seu atravessamento pelos campos de saber sobre a linguagem e as línguas, das escolas gramaticais às vertentes da linguística, em uma perspectiva da História das Ideias Linguísticas pela Análise de discurso.

Referências bibliográficas

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

BAKHTIN. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2006, 12ªed.

CHOMSKY, N. Aspectos da Teoria da Sintaxe. In: *Saussure, Jakobson, Hjelmslev, Chomsky*. Série Os pensadores, traduções de Carlos Vogt et alli, 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (pg. 227-281).

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2010, 20aed. [1970]

_____. *A arqueologia do saber*. tradução de Luiz Felipe Baeta Neves,

-7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1969].

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História da Linguística*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011, 7ªed.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise de discurso*. Campinas: Pontes, 1997, 5ªed.

MUSSALIM, F., BENTES, A. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2011, 5ªed.

ORLANDI, Eni & GUIMARÃES, Eduardo. (org.) *Institucionalização dos estudos de linguagem; a disciplinarização das ideias linguísticas*. São Paulo: Pontes, 2002

_____. *História das Ideias linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 2001

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso; uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009 [1988- 1ª Ed.]

PEREGRINO, Giselly. “ Às vezes, vejo as pessoas sacudindo as mãos e rindo” - desafios à percepção do preconceito contra a surdez. In: Congresso Internacional de Educação e Inclusão (CINTEDI), 2014, Campina Grande. *Anais do Congresso Internacional de Educação e Inclusão (CINTEDI): Práticas Pedagógicas, Direitos Humanos e Interculturalidade*. Campina Grande: Realize, 2014. v. I. p. 01-11.

ROCHA, S. *O INES e a Educação de surdos no Brasil*. Rio de Janeiro: INES. Vol 1. 2ª edição. 2008

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Cultrix, São Paulo, 2006 [1916]

SKLIAR, C. (org). *Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos*. Porto Alegre: Editora Mediação. Volumes 1 e 2. 1999.

_____. Bilinguismo e Biculturalismo: uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação de surdos. *Revista Brasileira de Educação*, Brasília, v. 8, p. 44-57, 1998.

B) ENTRE LÍNGUAS: PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Carga horária: 45 horas

Ementa

O curso consiste de uma discussão teórica com encaminhamento prático acerca do ensino de língua portuguesa e literatura para surdos em uma perspectiva bilíngue, com o propósito de promover uma reflexão sobre a falta de elo entre as disciplinas, visando o desenvolvimento de práticas de letramento na relação entre língua e literatura

brasileira para surdos. Será averiguado como o processo histórico de distinção entre o ensino de língua e literatura no Brasil (GUIMARÃES, 1996) incide na educação bilíngue para surdos, ainda estritas a um enfoque instrumental da língua portuguesa (BUSCÁCIO, 2011, 2014). Serão apresentados projetos e práticas já realizadas no CAP-INES. Será proposta a elaboração de atividades voltadas para a educação básica, visando um saber sobre a língua pelo saber sobre a literatura, pautado na historicidade e na memória (ORLANDI, 2001, ALMEIDA, 2011, BUSCÁCIO, 2014), bem como na experiência visual de mundo do educando surdo (SKLIAR, 1999), valorizando a importância da LIBRAS neste processo. Deste modo, um dos norteadores desta prática consiste no que SKLIAR (2014a) afirma como uma desobediência da linguagem tecnicista ou presa a um paradigma do certo/errado, para com o propósito de promover deslocamentos rumo a um caminho de um educar pela linguagem na aliança entre língua, literatura, memória e sujeito.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, E. .Língua e ensino: uma leitura discursiva. Revista Ecos (Cáceres), v. Ano 8, p. 191-202, 2011. d
- BUSCÁCIO, Livia. L. B. Apropriação da escrita por surdos usuários da LIBRAS. In: X Congresso e XVI Seminário - Educação de Surdos: a conquista de novos territórios, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: INES, 2011.
- BUSCÁCIO, Livia. L. B. ; LEAL, Christiana Lourenço. Diferenças entre ensino de Língua Portuguesa como Língua Materna e como segunda língua para surdos. In: O 12º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa / 3º Congresso Internacional de Lusofonia do IP-PUC/SP, São Paulo: 2008.
- FERNANDES, S. *Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos*. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2006.
- GUIMARÃES, Eduardo. Sinopse dos estudos do português no Brasil: a gramatização brasileira. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni P. (orgs) *Língua e cidadania*. Campinas: Pontes, 1996, p. 127-138.
- LEAL, Christiana. *Estratégias de referência na produção escrita de alunos surdos*. Curitiba: CRV, 2016
- LOURO, Verônica de O. Proposta de ensino de leitura e escrita em prática no INES. *Arqueiro* (Rio de Janeiro), v. 28, p. 39-50, 2013.
- LOURO, Verônica de O.; COSENDEY, J. N. F.; PEREGRINO, Giselly dos S. Propostas pedagógicas para o ensino de Língua Portuguesa e Literatura para educandos surdos. *Cadernos do CNLF (CiFEFil)*, v. XIV, p. 63-73, 2010.
- ORLANDI, Eni & GUIMARÃES, Eduardo. (org.) *Institucionalização dos estudos de linguagem; a disciplinarização das ideias linguísticas*. São Paulo: Pontes, 2002
- ORLANDI, Eni (org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 2003

_____. *Discurso e leitura*. Campinas, SP: Cultrix & Ed. da UNICAMP, 1998b.

KARNOFF, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In:

KELMAN, C. A.. Multiculturalismo e Surdez: uma questão de respeito às culturas minoritárias (5ª edição). In: Eulália Fernandes. (Org.). *Surdez e Bilinguismo*. 5ªed.Porto Alegre: Mediação, 2012, v. , p. 87-103.

SILVA, A. G. . O acesso à literatura como um direito: práticas de leitura literária com alunos surdos. *Linha Mestra (Associação de Leitura do Brasil)*, v. VIII, p. 238-241, 2014.

SILVA, A. G. . Práticas de Leitura e Letramentos em um contexto de Educação de Jovens e Adultos Surdos. *Pesquisas em Discurso Pedagógico (Online)*, v. 1, p. 60-70, 2011.

SKLIAR, C. B. A pergunta pelo outro da língua; a pergunta pelo mesmo da língua.. In: Ana Claudia Bailiero Lodi; Kathryn Marie Pacheco Harrison; Sandra Regina Leite de Campos; Ottmar Teske. (Org.). *Letramento & Minorias*. 1ed.Porto Alegre: Editora Mediação, 2002, v. 1, p. 5-12.

_____. *Desobedecer a linguagem*. São Paulo: Autêntica, 2014a

C) EDUCAÇÃO BILÍNGUE E LINGUAGEM

Carga horária: 45 horas

Ementa

Compreender o português como segunda língua do surdo (L2), sendo sua primeira língua a língua de sinais a partir de diferentes concepções de linguagem. Relacionar as diferentes concepções de linguagem e suas implicações pedagógicas. Refletir sobre noções de cultura, mediação, signos, sinais, letramento, alfabetização. Relacionar práticas de mediação semiótica e a formação da subjetividade, do pensamento e da ação. Considerando as práticas escolares, perceber as interações interpessoais na relação com a constituição de processos intrapessoais. Relacionar processos de significação próprios da linguagem às noções de aquisição e de aprendizagem da língua, às estratégias de aprendizagem, à problematização da ideia de erro e a outros conceitos fundamentais na área de ensino de línguas.

Referências bibliográficas

Bibliografia Básica

BRONCKART, J. P. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 2011.

FERNANDES, S. *Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios*. Curitiba, 2003. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná.

FERNANDES, S. Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2006.

KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In:

KELMAN, C. A. Multiculturalismo e Surdez: uma questão de respeito às culturas minoritárias (5ª edição).

In: Eulália Fernandes. (Org.). Surdez e Bilinguismo. 5ªed.Porto Alegre: Mediação, 2012, v. , p. 87-103.

KELMAN, C. A. . Significação e aprendizagem do aluno surdo. In: Albertina Mitjans-Martinez; Maria Carmen Villela Rosa Tacca. (Org.). Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldades e deficiências. 1ªed.Campinas: Alinea, 2011, v. 01, p. 173-206.

KRAMER, SONIA; ROCHA, E.A.C. (Orgs.) . Educação Infantil: Enfoques em diálogo. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2013. 432p .

LODI, A. C. Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2003.

PEREIRA, M. C. C. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: LODI, A. C. B. et al. Letramento e minorias. 2. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2002. cap. 4.

QUADROS, R. M. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Bibliografia Complementar

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Identidades e caminhos no ensino de português para estrangeiros. Campinas: Editora UNICAMP, 1992.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BHATIA, V. K. Analysing genre: language use in professional settings. Longman, 1997.

CORSINO, P.(Org.). Travessias da literatura na escola. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. v. 1. 304p

DANIELS, H. 2002. Uma introdução a Vygotsky. São Paulo. Edições Loyola

FAIRCLOUGH, N. Language and Power. London: Longman, 1989.

HINKEL, E. (ed). Handbook of Research in Second Language Teaching and Learning. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2005.

LANTOLF, J.P. 2000. Sociocultural theory and second language learning. O.U.P.

QUADROS, R. M., SCHMIEDT, M. L. P. Idéias para ensinar português para alunos surdos – Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SWALES, J. M. Genre analysis – English in academic and research settings. Cambridge University Press, 1990.

VIGOTSKY, L.S. Pensamento e linguagem. Martins Fontes, 1989.

D) AVALIAÇÃO E ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2

Carga horária: 45 horas

Ementa

Esta disciplina visa à discussão de questões teóricas referentes à avaliação e preparação de materiais didáticos para o ensino de LP como L2, bem como à reflexão para o melhor entendimento teórico-metodológico para a elaboração de materiais didáticos. Serão objeto de discussão questões teóricas, metodológicas e pedagógicas referentes ao material didático a ser avaliado e elaborado para os contextos presencial e/ou digital. Dessa forma, esta disciplina propõe a iniciação de estudos de problemas específicos do ensino-aprendizagem de português como segunda língua, discutindo questões ligadas às teorias de aquisição de L2, práticas interacionais, aprendizagem e ensino. Do ponto de vista prático, a disciplina propõe a análise de propostas metodológicas existentes e o desenho de materiais sob o ponto de vista da aprendizagem (perfil do aluno, análise das necessidades, estratégias de aprendizagem, questões de motivação, identidade linguística e diversidade cultural).

Referências bibliográficas

Bibliografia Básica

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Identidades e caminhos no ensino de português para estrangeiros. Campinas: Editora UNICAMP, 1992.

BRONCKART, J. P. Atividades de linguagem, textos e discursos. São Paulo: EDUC, 2011.

FERNANDES, S. Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2006.

KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In:

Lantolf, J.P. 2000. Sociocultural theory and second language learning. O.U.P.

LODI, A. C. Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2003.

PEREIRA, M. C. C. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: LODI, A. C. B. et al. Letramento e minorias. 2. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2002. cap. 4.

QUADROS, R. M. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M., SCHMIEDT, M. L. P. Idéias para ensinar português para alunos surdos – Brasília: MEC, SEESP, 2006.

Bibliografia Complementar

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BHATIA, V. K. Analysing genre: language use in professional settings. Longman, 1997.

Daniels, H. 2002. Uma introdução a Vygotsky. São Paulo. Edições Loyola

FAIRCLOUGH, N. Language and Power. London: Longman, 1989.

FERNANDES, S. Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios. Curitiba, 2003. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná.

Hinkel, E. (ed). Handbook of Research in Second Language Teaching and Learning. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2005.

SWALES, J. M. Genre analysis – English in academic and research settings. Cambridge University Press, 1990.

Vigotsky, L.S. Pensamento e linguagem. Martins Fontes, 1989.

E) LETRAMENTOS SURDOS E MULTIMODALIDADE

Ementa

Educação de surdos e novas tecnologias de informação e de comunicação (TIC's): panorama e problematização. Ensino de surdos e hipervisualidade. Educação na Pós-Modernidade e novas tecnologias: formas de compreender e de realizar o processo de ensino e de aprendizagem. O ensino de literatura para surdos, a partir de proposições teórico-metodológicas oriundas dos Novos Estudos de Letramento (NEL) e das pesquisas sobre Multimodalidade. A leitura literária, na educação de surdos, a partir do esteio das novas tecnologias: reflexões e propostas.

Descrição

Os estudantes surdos vivem, pertencem e partilham as suas experiências em um grupo específico, negociam identidades na condição de surdos, em movimentos contínuos e renováveis. Fora de uma dimensão puramente psicológica e/ou unívoca dos processos de letramento, percebemos esse grupo como uma comunidade que comunga de compromissos e de práticas acadêmicas, fazendo uso da língua portuguesa em processos de letramento concretos, construídos a partir de contextos culturais próprios. Reconhecer o potencial acadêmico do sujeito surdo significa problematizar a percepção

de letramento como experiência forçosamente intrínseca ao texto escrito e apontar a obsolescência da defesa do letramento como prática inequívoca escrita, restrito à mera realização linguística (JEWITT, 2008). Como opção metodológica para a organização de processos de ensino e de aprendizagem identificados com a diversidade epistemológica surda, apresenta-se o trabalho fundamentado na intersemiose e nas situações e produções multimodais advindas das novas tecnologias. Os estudos de multimodalidade acenam para as mudanças profundas trazidas pela pós-modernidade e para a maneira como estas impactaram a construção de novos modos de comunicação e de economia do conhecimento, responsáveis por instaurar concepções inovadoras de saber. O cenário evidencia a fragilidade da fórmula do Letramento único (STREET, 2013), contra a qual se opõe a consciência da presença de letramentos múltiplos que se movem “para além dos processos analíticos e cognitivos da linguagem escrita e falada” (JEWITT 2008: 246; tradução nossa), em um momento no qual a relação dos modos da tela e da imagem prepondera sobre os do livro e da escrita (KRESS 2003: 1).

Desestabilizar a noção da escrita como forma única de letramento vincula-se à produção de outros modelos de letramento, através de meios de representação e comunicação também inovadores, de modo que, diante das maneiras pelas quais as fontes de representação e de comunicação interpretam e (re) alocam sentidos, a linguagem escrita vem a ser percebida como uma dessas fontes, mas não a única nem a mais importante (KRESS, 2003). Situar o letramento literário nos processos aqui elencados aponta para um *design* (JEWITT, 2008; KRESS, 2003) que assume a intersemiose como fundamental para a tessitura de novas práticas acadêmicas, não excluindo a escrita, mas a coordenando com outras formas de letramentos e de saberes. Do mesmo modo, parece-nos fundamental contemplar como os meios e os modos vinculados aos processos acadêmicos estão diretamente conectados aos discursos sobre o conhecimento (JEWITT, 2008). Compreender o papel da multimodalidade e o seu impacto nos novos paradigmas de conhecimento nos ajuda a orientar a pesquisa sobre a práxis pedagógica relacionada aos surdos. Anuncia-se, assim, uma tríade formada pelo modelo de aula multimodal, a consciência da porosidade entre as modulações do conhecimento construído dentro e fora da classe, e a metodologia calcada na intersemiose. Tal tríade consiste em um fundamento potente para se pensar a ruptura de paradigmas e a proposição de novos caminhos na educação de surdos.

Referências bibliográficas

Bibliografia Básica

AGUIAR, Vera. O verbal e o não-verbal. São Paulo: UNESP, 2004.

BOTELHO, Paula. Linguagem e Letramento na Educação dos Surdos: ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/2002/L10436.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

GEE, James Paul. New digital media and learning as emerging area and “worked examples” as one way forward. S.L.: MacArthur, 2010.

GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? São Paulo: Parábola, 2009.

JEWITT, Carey. “Multimodality and literacy in school classrooms”. Review of Research in Education - What Counts as Knowledge in Educational Settings: Disciplinary Knowledge, Assessment, and Curriculum. London: s.e., 2008, p.241-267.

KRESS, Gunther. Multimodality. A social semiotic approach to contemporary communication. New York: Routledge, 2010.

PEREIRA, Danielle Mendes; ABRAHÃO, Bruno Ferreira. O direito do surdo à literatura: por uma educação literária multimodal. Linguagem em (Re)vista, vol. 10, n. 20. Niterói, jul./dez. 2015.

PEREIRA, Danielle Mendes; MUNIZ, Valéria. Ensino de Surdos e novas práticas de letramento. Revue Passages de Paris. Paris, n. 11, p. 448-459, 2015.

_____. Surdos na universidade: questões de letramentos, cultura e identidade. Pensares em revista, Dossiê Novos Estudos Letramentos, n.6, FFP-UERJ, Rio de Janeiro, 2015.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SKLIAR, Carlos. A forma visual de entender o mundo. Educação para todos, Revista especial, SEED/DEE, Curitiba: Editora Expediente, 1998.

___ (org.) A surdez. Porto Alegre: Mediação, 2013.

STREET, Brian. Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. Literacy and Multimodality: STIS Lecture: Inter-Disciplinary Seminars. Laboratório SEMIOTEC, da FALE/UFMG. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2012.

Bibliografia Complementar

ARCOVERDE, Rossana. Tecnologias digitais: novo espaço interativo na educação de surdos. Caderno CEDES, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 251-267, maio/ago. 2006.

CAMELO, Polyana Angelote. Libraturas: apontamentos à arte hiper-visual tecnológica. Revista Virtual de Cultura Surda. S.l., n. 15, março de 2015.

CANTON, Katia. Tempo e Memória. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. O discurso da poesia concreta: uma abordagem semiótica. São Paulo: Annablume, 2011.

PORTO, Shirley Barbosa das Neves. Análise de poesia em língua de sinais. In: DORZIAT, Ana. Estudos Surdos: diferentes olhares. Porto Alegre: Mediação, 2011.

ROJO, Roxane e BARBOSA, Jacqueline. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola, 2015.

____ e Moura, Eduardo (orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012.

ROSE, Gillian. Visual methodologies: na introduction to research with visual materials. London: Sage, 2012.

STUMPF, Marianne. Educação de Surdos e Novas Tecnologias. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

LINHA DE PESQUISA 3 Surdos: Memória, Marcadores Linguísticos, Culturais e Territoriais

A) INTRODUÇÃO À PRÁTICA ETNOGRÁFICA

Carga Horária: 45 h/a

Ementa

Introduzir as formas de representação e fazeres antropológicos com conceitos básicos acerca do método etnográfico e com uma breve historicização sobre os precursores da etnografia: os relatos de viagens e o imaginário europeu sobre o “exótico”. Delinear as principais linhas do estudo etnográfico: a abordagem do funcionalismo britânico, do cultural-historicismo norteamericano, do estruturalismo e da escola sociológica francesa, bem como compreender a representação do “eu” e do “outro” na escrita etnográfica e a pesquisa de campo enquanto metodologia de pesquisa, como auxílio utilizaremos leitura de experiências etnográficas.

Objetivos

- Apresentar os fundamentos básicos da etnografia e autores discutidos na área;
- Apontar as principais estratégias metodológicas ligadas ao fazer etnográfico;
- Proporcionar aos alunos experiências etnográficas, através da leitura de pesquisas e registros de observação.

Metodologia

Aula dialogada, a partir do debate de textos e visionamento de filmes/documentários.

Avaliação

Apresentação de seminários e produção de trabalho textual.

Referências bibliográficas

BHABHA, H. “A Outra Questão: O estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo”. In *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BOAS, F. & STOCKING, G. (org.). *A formação da antropologia americana, 1883-1911 (Antologia)*. Rio de Janeiro: Contraponto/UFRJ, 2004.

CARVALHO, J. J. O Olhar Etnográfico e a Voz Subalterna. *Horizontes Antropológicos*, vol. 17, n. 15, p. 107-147.

_____. Poder e Silenciamento na Representação Etnográfica. *Série Antropologia*, n. 316, PPGAS/Universidade de Brasília, 2002.

CLIFFORD, J. “Sobre a autoridade etnográfica”. In *A Experiência Etnográfica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, pp. 17-62, 1998.

CRAPANZANO, Vincent. Horizontes imaginativos e o aquém e além. *Revista de Antropologia*, vol. 48, n. 1, p. 363-384, 2005.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2008.

GEERTZ, C. *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GOFFMANN, E. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

HANKS, W. "O que é contexto?" In *Língua como prática social*. São Paulo: Cortez, p. 169-203, 2008.

LATOUR, B. & WOOLGAR, S. *A Vida de Laboratório: A Produção dos Fatos Científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1997.

LEVI-STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MAGNANI, J. G. C. *Etnografia como prática e experiência*. *Horizontes Antropológicos*, vol. 15 n. 32, jul/dez, 2009.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *RBCS*, vol. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MAUSS, M. *O Método Etnográfico*. Lisboa: Pub. Dom Quixote, 1993.

MINNER, H. *O ritual do corpo entre os sonacirema*. (in mimeo).

ROCHA, A. L. C. & ECKERT, C. "Etnografia da e na cidade saberes e práticas". In *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.

B) LIDERANÇAS E MOVIMENTO SOCIAL

Carga Horária: 45h

Ementa

A presente disciplina pretende em uma primeira etapa historicizar os movimentos sociais e a relação entre os mesmos e o Estado. Em um segundo momento, tratará da história do movimento social de surdos brasileiros, em especial a luta pela educação bilíngue e o papel das lideranças nesse processo com o auxílio de relatos de experiências.

Objetivos

- Compreender os elementos que configuram a história dos movimentos sociais no Brasil;

- Refletir sobre a relação entre o Estado e os movimentos sociais;
- Conhecer a história dos movimentos sociais de surdos no Brasil e em outros países;
- Identificar o papel dos movimentos sociais no processo de elaboração e implementação de políticas públicas;
- Problematizar questões relacionadas ao movimento social dos surdos e a luta pela educação bilíngue.

Metodologia

Aula dialogada, a partir do debate de textos e visionamento de filmes/documentários.

Avaliação

Apresentação de seminários e produção de trabalho textual.

Referências bibliográficas

ASSÊNSIO, C. B. Comunidade Surda: notas etnográficas sobre categorias, lideranças e tensões. Dissertação de Mestrado/USP, 2015.

BRITO, F. B. O Ativismo Político dos Surdos no Brasil: Origens Históricas. Trabalho apresentado no I Congresso Internacional de Educação Especial e Inclusiva / XIII Jornada de Educação Especial, Marília-SP, 18 a 20 de maio de 2016.

MELUCCI, A. A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

GARCIA, M. I. S. Movimento Social dos Surdos: interseções, atravessamentos e implicações. Tese de Doutorado/UERJ, 2011.

GOHN, M. G. Teoria dos Movimentos Sociais. São Paulo: Loyola, 2004, 4ª edição.

SCHERER-WARREN, I. Redes de movimentos sociais. São Paulo: Loyola, 2005.

SILVA, C. A. A. Testemunhos de si: narrativas autobiográficas de lideranças surdas. Trabalho apresentado na IV Reunião Equatorial de Antropologia / XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, Fortaleza-CE, 04 a 07 de agosto de 2013.

THOMA, A. S. & KLEIN, M. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. Cadernos de Educação, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas [36]: 107 - 131, mai/ago, 2010.

C) MEMÓRIA COLETIVA

Carga Horária: 45h

Ementa

Diferenciar conceitualmente memória social e coletiva, bem como discutir acerca dos conceitos de identidade, cultura e representações sociais, entendendo as práticas sociais e discursivas como norteadoras da construção da memória. Para tal, utilizaremos como referenciais na constituição da memória coletiva, as experiências passadas e suas possíveis orientações para o futuro. Também sendo necessário entender o espaço social e sua relação com o lugar da memória.

Objetivos

- Discutir o conceito de memória, enquanto fenômeno socialmente construído;
- Conhecer a teoria da construção da realidade a partir do conceito de memória;
- Apresentar criticamente os conceitos de identidade, cultura e representações sociais;
- Refletir sobre a díade indivíduo-sociedade dentro das diferentes metodologias e estratégias de investigação;
- Identificar as perspectivas e abordagens teórico-metodológicas de análise da memória.

Metodologia

Aula dialogada, a partir do debate de textos e visionamento de filmes/documentários.

Avaliação

Apresentação de seminários e produção de trabalho textual.

Referências bibliográficas

ALEXANDRE, M. Representação social: uma genealogia do conceito. Rio de Janeiro: *Comum*, v. 10, n. 23, p. 122-138, jul/dez 2004.

BABHA, H. K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, 2ª reimpressão.
BARROS, M. M. L. Memória, experiência e narrativa. Porto Alegre: *Iluminuras*, v. 12, n. 29, p. 04-17, jul/dez 2011.

BAUMAN, Z. A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias unidas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1973, 13ª edição.

BOSI, A. Imagem, discurso. In: O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 6ª edição, p. 19-47.

BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 3ª edição.

CANCLINI, N. "Culturas híbridas, poderes oblíquos". In: Culturas híbridas. São Paulo: EdUSP, 2000, 3ª edição, p. 283-350.

GOFFMAN, E. Representações. In: A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Editora Vozes, 1975, 6ª edição.

GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.) Textos em representações sociais. Petrópolis: Vozes, 1995, 7ª edição.

HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

MORIGI, V. J. (et al) Memória, representações sociais e cultura imaterial. Rio de Janeiro: Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, ano 09, n. 14, p. 182-191, 2012.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos, v. 5, n. 10. São Luís: Revista dos Tribunais, 1988.

RICOEUR, P. Tempo e narrativa. Tomo I. Campinas: Papirus, 1994.

SANTOS, M. S. Memória coletiva e teoria social. São Luís: Annablume, 2003.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (org.) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987, p. 11-25.

THOMPSON, P. A voz do passado. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998, 2ª edição.

VALA, J & MONTEIRO, M. B. Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In: Psicologia Social. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, 5ª edição.

VIANA, N. Senso comum, representações sociais e representações cotidianas. Bauru: Edusc, 2008.

D) NARRATIVAS EM TORNO DO CONCEITO DE LITERATURA SURDA

Carga horária: 60h

Ementa

A criação da tradição: o surdo era integrante de um povo ágrafo? A disciplina pretende refletir sobre o conceito de "Literatura Surda" e sobre seus usos pedagógicos/identitários, tratando do delicado problema da redução do fenômeno literário a seus aspectos utilitários: pedagógicos ou ideológicos, assim como entender o termo "Literatura Surda" visto como um aspecto da "Cultura Surda". Além de refletir sobre a ampliação do conceito de "texto" e sobre as possibilidades de "escritas" literárias em Libras com suporte fílmico, bem como a produção em gêneros literários em Libras e o trabalho com produções culturais/literárias identificadas com o tema da Literatura Surda.

Objetivos

- Apresentar as possíveis origens genealógicas do termo “literatura surda”;
- Fazer uma revisão bibliográfica sobre os principais autores que tratam do tema;
- Motivar reflexões sobre literatura e identidade cultural.

Metodologia

Leitura e debate de textos teóricos da tradição e estudo de produções literárias identificadas com o tema da Literatura Surda;

Avaliação

Produção textual: relatório sobre aulas e investigação realizada.

Referências Bibliográficas

ASSIS SILVA, C. A. Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

BAJARD, E. Ler e Dizer. São Paulo: Cortez, 2001.

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006, 12 edição.

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BHABHA, H. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CARVALHO, C. & MORAIS JÚNIOR, L. C. Outras palavras: minorias sociais/e narrativas sobre a diferença essencializada. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 2014.

HEINZELMANN, R. O. Para que serve a Literatura Surda? Cadernos conectaLibras. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2015.

HESSEL, C. & ROSA, F. & KARNOPP, L. Cinderela surda. Canoas: ULBRA, 2003.

KARNOPP, L. B. Literatura Surda. Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

_____. Literatura Surda. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, 2008 (apostila).

_____. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPEL | Pelotas [36]: 155 - 174, maio/agosto 2010.

_____. Rapunzel surda. Canoas: ULBRA, 2003.

_____. & HESSEL, C. Metodologia da Literatura Surda. Centro de Comunicação e Expressão, 2009 (apostila).

_____. & HESSEL, C. Metodologia da Literatura Surda. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. 2008. Apostila Letras Libras.

LANE, H. A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1995.

LUZ, R. D. Cenas surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo? São Paulo: Parábola, 2013.

MOURÃO, C. H. N. Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de Sinais. Florianópolis: Anais da IX ANPED SUL, 2012.

_____. Literatura surda: a produção cultural de surdos em língua de Sinais. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, 2011. <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32311/000785443.pdf?sequence=1>>. Acessado em 17 de julho de 2015.

PERLIN, G. T. "Identidades surdas". In SKLIAR, C. (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 52-73.

RAMOS, C. R. Língua de sinais e literatura: uma proposta de trabalho de tradução cultural. Dissertação de Mestrado/UFRJ, 1995.

ROCHA, S. M. Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961). Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2009.

RODRIGUES, L. E. Contador de histórias surdo: dinamizando leituras na Biblioteca Infantil do INES. Trabalho de Conclusão de Curso/DESU-INES, 2013.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a Cultura Surda. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, R. & QUADROS, R. M. "Poesia em língua de Sinais: traços da identidade surda". In QUADROS, R. M. (org.) Estudos Surdos I. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

TAVEIRA, C. (et al) "No limiar da piada surda". In Leitura: Teoria & Prática. Associação de Leitura do Brasil. - ano 1, n. 0, 1982. Campinas, SP: Global, 2012.

E) LITERATURA EM LIBRAS

Carga horária: 45h

Ementa

Será desenvolvida, a partir de corpus literário previamente reunido ou/ou de levantamento de produções "espontâneas" coletadas na WEB e em demais objetos de

pesquisa, reflexões sobre gêneros literários em língua de sinais (especialmente em Libras). Será alvo de reflexão a força dos gêneros literários para crianças ou infanto-juvenis produzidos em Libras. Trabalharemos com produções publicadas, em particular, algumas produzidas pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, pela Editora Arara Azul e pela produtora LSB (Língua de Sinais Brasileira). Iremos analisar e reconhecer aspectos da produção literária sinalizada; interpretar aspectos culturais e linguísticos da produção literária em Libras; refletir criticamente sobre os conceitos de identidade, cultura e representações sociais expressos em tais produções; identificar tendências e nuances da produção literária sinalizada mapear o centro e as margens da produção literária sinalizada e cotejar versões em Libras com os textos originais, em caso de tradução/adaptação.

Referências Bibliográficas

ARCA DE NOÉ, direção de Eduardo Rocha e programação de Christophe Scianni. Rio de Janeiro: EXEMPLUS: 2006. 1 CD-Interativo.

ARIÈS, Phillipe. História social da criança e da família. 2ª ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro : Guanabara, 1981.

6 FÁBULAS DE ESOPHO, V1. Direção de Luiz Carlos Freitas e Criação de Nelson Pimenta e Produção de LSB vídeo. Rio de Janeiro: LSB vídeo, 2002. 1 DVD;

6 FÁBULAS DE ESOPHO, V2. Direção de Luiz Carlos Freitas e Criação de Nelson Pimenta e Produção de LSB vídeo. Rio de Janeiro: LSB vídeo, 2002. 1 DVD;

_____. ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS (Lewis Carroll). Tradução do texto Original (Inglês/Português): Clélia Regina Ramos. Tradução Cultural para Libras: Marlene Pereira do Prado, Clélia Regina Ramos, Wanda Quintanilha Lamarão. Petrópolis : Arara Azul/FAPERJ, s/data.

CASCUDO, Luís da Câmara. Contos tradicionais do Brasil. Rio de Janeiro : Ediouro, 2003.

_____. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro : Ediouro, 1999.

DOM QUIXOTE (adaptação da obra de Miguel de Cervantes). RAMOS, Clélia Regina. João e Maria. Tradução cultural para Libras: Flávio Milani; Gildete da Silva Amorim. Petrópolis : Arara Azul, 2009. CD-ROM

EDUCAÇÃO DE SURDOS, V10 Contando histórias em Libras. Direção de Eduardo Rocha e Produção de Roberta Moura. Rio de Janeiro: IDEIAIMAGEM, 2007. 1 DVD.

EDUCAÇÃO DE SURDOS, V4. Contando Histórias em Libras. Direção de Guilherme Machado e Produção de Eduardo Rocha e Roberta Moura. Rio de Janeiro: IDEIAIMAGEM, 2007. 1 DVD.

EDUCAÇÃO DE SURDOS, V7 Contando Histórias em Libras Produção de Cássia Pereira. Rio de Janeiro: IDEIAIMAGEM, 2007. 1 DVD.

EDUCAÇÃO DE SURDOS, V9 Contando histórias em Libras. Direção de Eduardo Rocha e Produção de Roberta Moura. Rio de Janeiro: IDEIAIMAGEM, 2007. 1 DVD.

EDUCAÇÃO DE SURDOS, Vol. 10 Contando histórias em Libras. Direção de Eduardo Rocha e Produção de Roberta Moura. Rio de Janeiro : IDEIAIMAGEM, 2007. 1 DVD;

FÁBULAS (adaptação da obra de La Fontaine). Adaptação para o Português de Clélia Regina Ramos. Tradução Cultural para Libras Gildete Amorim. Petrópolis : Arara Azul, 2011. CD-ROM

KARNOPP, L. B. *Literatura Surda*. Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

_____. e HESSEL. Metodologia da Literatura Surda. Centro de Comunicação e Expressão, 2009 (apostila)

_____. L. B. *Rapunzel surda*, Canoas: ULBRA, 2003.

_____. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPEL | Pelotas [36]: 155 - 174, maio/agosto 2010.

_____. e HESSEL, Carolina. Metodologia da Literatura Surda. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. 2008. Apostila Letras Libras.

LUZ, Renato Dente. Cenas surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo? São Paulo: Parábola, 2013.

MÚSICA BRASILEIRA EM LÍNGUA DE SINAIS: História, política, cultura. Autoria, roteiro e direção: Solange Maria da Rocha. Direção Geral: Ricardo Lopes. Rio de Janeiro : SM Produções, 2011. 2 DVDs.

PETER PAN (adaptação da obra de J.M. Barrie). RAMOS, Clélia Regina (Tradução e adaptação). Petrópolis : Arara Azul, 2009. CD-ROM e DVD

ROSA, Fabiano Souto. Adão e Eva. /Fabiano Souto Rosa e Lodenir Karnopp/ 2. Ed. Canoas : Ed. ULBRA, 2011.

_____. *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *Patinho Surdo*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

SILVEIRA, Carolina Hessel. *O currículo de Língua de Sinais na Educação de Surdos*. Dissertação de Mestrado em Educação -UFSC, 2006

_____. ROSA Fabiano; KARNOPP, Lodenir B.. *Cinderela Surda*. Canoas : Editora ULBRA, 2003.

_____. ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir B.. *Cinderela Surda*. Canoas : Editora ULBRA, 2003.

_____. ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir B. *Cinderela Surda*. Canoas : Editora ULBRA, 2003.

SUTTON-SPENCE, Rachel; QUADROS, Ronice Müller. *Poesia em língua de Sinais : traços da identidade surda*. In: QUADROS, R. M. (ORG.) *Estudos Surdos I*. Petrópolis : Arara Azul, 2006.

F) TEORIAS DA CULTURA, IDENTIDADES E EDUCAÇÃO DE SURDOS

Carga horária: 45 h/a

Ementa

Pretende-se introduzir uma discussão sobre os sentidos do termo cultura e sua relação com as diversas minorias, considerando as questões étnicas, culturais e de gênero, e no caso em particular da proposta deste programa, promover a reflexão e o debate em torno de construções culturais acerca da surdez e do bilinguismo, da inclusão e da educação em geral.

Objetivos

Introduzir o debate acerca das ideias e representações sobre “cultura”, “identidade” e “multiculturalismo”, as relações de poder no campo cultural e nas oportunidades de transformação abertas no campo da educação e da sociedade a partir de uma perspectiva multicultural.

Conteúdo/Programa

1. O conceito de cultura e suas implicações
2. Cultura e Sociedade: a visão das Ciências Sociais
3. Natureza e Cultura ou “da natureza da cultura”
4. Cultura Popular x Cultura Erudita
 - 4.1. Cultura de Massa e Cultura Pop

1. Cultura e Etnografia
2. Cultura, Identidade e Poder
 - 6.1. Teorias da Etnicidade e os grupos étnicos
 - 6.2. Políticas de identidade e reconhecimento

1. Multiculturalismo e Educação
2. Culturas Surdas: uma introdução

Referências bibliográficas (provisórias)

BHABHA, H. K. (2010). *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG

BARTH, F. (2000). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São

Paulo, Ed. Brasiliense, 1987, Vol. I.

BOURDIEU, P. Esboço de uma Teoria da Prática. Oeiras: Celta Editora,
2002.

_____. A Distinção - crítica social do julgamento. Porto Alegre : Zouk, 2007.

CARNEIRO DA CUNHA, M. (2009). Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo:
Cosac Naify

EAGLETON, T. (2005) A Ideia de Cultura. São Paulo: Unesp

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro,
Jorge Zahar Editores, 1999

FABIAN, J. (2013). O Tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto.
Petrópolis: Vozes

GEERTZ, C. (1989). A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar

_____. (1997). O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis:
Vozes

_____. (2001). Nova Luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar

GONÇALVES, J. R. S. (1996). Obsessão pela cultura. in Paiva, M. & Moreira, M. A.
(coord.) Cultura. Substantivo Plural. Rio de Janeiro: CCBB/São Paulo: Editora 34

GOODY, J. (2012) A domesticação da mente selvagem. Petrópolis: Vozes

HALL, S. (2006). A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A

_____. (2003). Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG

HERZFELD, M. (2005). Intimidade Cultural: Poética Social no Estado-nação. Lisboa:
Edições 70

KUPER A. (2002). Cultura: a visão dos antropólogos. Bauru: SP: Edusc

LÉVI-STRAUSS, C. (1974). O pensamento selvagem. São Paulo: Cia. Editora Nacional

_____. (1974) "Raça e História", in Antropologia Estrutural Dois. Rio de Janeiro: Tempo
Brasileiro

SAHLINS, M. (1997) "O 'Pessimismo Sentimental' e a Experiência Etnográfica: Por que
a Cultura Não é um 'Objeto' em Via de Extinção". Mana. Estudos de Antropologia Social
3 (1): 41-73; Mana. Estudos de Antropologia Social 3 (2), 1997: 103-150.

_____. (2003) Cultura e Razão Prática. Rio de Janeiro: Zahar

STRATHERN, M. (1995) "The nice thing about culture is that everyone has it". In:
Shifting Contexts. Transformations in anthropological knowledge. Londres: Routledge

WAGNER, R. (2010) A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify

G) DISCIPLINA: CORPO, CULTURA E IDENTIDADE: REFLETINDO SOBRE A SURDEZ

Carga Horária: 45 h/a

Ementa

A disciplina pretende discutir aspectos que relacionam as ideias sociais e culturais sobre corpo e corporeidade e a produção de identidades. Privilegiando uma abordagem antropológica destas temáticas, o curso se propõe a problematizar a construção do corpo com um (arte)fato cultural, considerando as diversas críticas aos conceitos de cultura e identidade, desde a percepção do aspecto fundamentalmente relacional destes construtos, explorando algumas dicotomias clássicas do pensamento antropológico, tais como natureza/cultura, indivíduo/sociedade, etc.. Tendo como eixo norteador as relações entre surdos e não surdos e os mundos sociais e culturais que surgem destas relações, pretende-se explorar a construção de diversas “categorias nativas”, tais como “ouvinte”, “surdo-mudo” e os demais estereótipos relacionados à oposição “cultura ouvinte”/“cultura surda”, na expectativa de desestabilizar conceitos bem estabelecidos e arraigados ao senso comum (surdo e “ouvinte”) sobre “corpo”, “cultura” e “identidade”.

Esta disciplina está vinculada ao projeto de pesquisa *“Do falar dos corpos e de falar de corpos: Surdos no Candomblé e o sagrado selvagem da comunicação não oral nas religiões afro-brasileiras”*, coordenado pelo Prof. José Renato Baptista.

Objetivos

Introduzir uma discussão a respeito do corpo como construto sócio-cultural numa perspectiva antropológica, permitindo aos alunos um entendimento mais amplo das noções de corporeidade, identidade, problematizando a noção de corpo como um (arte)fato cultural.

Referências bibliográficas (provisórias)

CSORDAS, T. J. (1990) *Embodiment as a Paradigm for Anthropology*. Ethos: 18 – 1. pp. 5 – 47.

_____. (1999) *The body's career in Anthropology*. In: H. Moore (ed.), *Anthropological Theory Today*. Cambridge: Polity Press.

BARTH, F. (2000). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa

BOURDIEU, P.(2002)Esboço de uma Teoria da Prática. Oeiras: Celta Editora

_____. A Distinção – crítica social do julgamento. Porto Alegre : Zouk, 2007.

- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BUTLER, J. (2010) *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- ELIAS, N. (2011) *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar
- FOUCAULT, M. (1988) *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal
- HARAWAY, D. (1995) A manifesto for cyborgs: Science, technology, and socialist feminism in the 1980s. In: *Feminism/Postmodernism*, Ed: L. Nicholson, Routledge, New York. pp 190-233.
- KULICK, D. (1997). The Gender of Brazilian Transgendered Prostitutes. *American Anthropologist* 99(3):574- 585.
- LATOUR, B. (2004). How to talk about the body? The normative dimension of social science studies. *Body & Society* 10: 2-3 Pgs. 205-29.
- _____. (2000) *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo: Editora 34
- MAUSS, M. (2003) *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify
- MEAD, Margaret. (1976). "Introdução"; "A padronização do temperamento sexual"; "Conclusão". In: *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976 [1935]
- RODRIGUES, J. C. (1980) *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé
- _____. (1983) *O tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé
- VIVEIROS DE CASTRO, E. (1996). "Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio". *Mana* 2 (2): 115-143.
- _____. (2002) "O nativo relativo". *Mana* 8 (1):113-148.
- _____. (2002) *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify

H) HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Carga horária: 45 h/a

Ementa

Identificar aproximações entre a História da Educação Geral e a História da Educação de Surdos. Conhecer, através de fontes documentais, percursos históricos da Educação de Surdos. Analisar criticamente a produção bibliográfica referente à História da Educação de Surdos. Analisar políticas públicas educacionais para sujeitos surdos em diversos contextos históricos.

Descrição

A rede de instituições para a educação, socialização e profissionalização de sujeitos surdos manteve-se ativa por muito tempo, atravessando três séculos, e sua origem reporta-se a meados do século XVIII.

Destacam-se no desenvolvimento dessa rede os Institutos criados na França e na Alemanha dando origem ao que hoje conhecemos historicamente como escola alemã e escola francesa, cuja diferenciação traduzia-se na visão que cada uma dessas escolas assumia na educação de surdos. Os acirrados debates entre essas correntes encontraram território fértil para a defesa de suas proposições nos Congressos promovidos por essas instituições. No século XIX eram quase quatrocentas instituições presentes nos cinco continentes.

Os Institutos assumiam múltiplos sentidos e responsabilidades em função de sua manutenção, se pública ou privada; de sua natureza, se laica ou religiosa; se religiosa, católica ou protestante.

O Instituto brasileiro manteve-se conectado a esta rede internacional de instituições, e, do mesmo modo, conectado ao debate praticado no país sobre educação pública.

No século XIX, no Brasil, o debate central era sobre o ensino literário e o ensino profissional agrícola, a presença das meninas no instituto, e a autossuficiência econômica e social que o Instituto deveria promover aos seus alunos. Na virada do século, temos a pressão por expansão e melhoria da educação, com a criação da Associação Brasileira de Educação - ABE, e com o movimento da Escola Nova. A psicologia e sua agenda de atenção às diferenças individuais assumia centralidade nos projetos educacionais dos reformadores dentre eles Anísio Teixeira. No rastro dessa perspectiva, nos anos 30, o Instituto realizava testes de inteligência e de acuidade auditiva como critério para classificar seus alunos por turmas. Era forte o desenvolvimento da linguagem escrita e não havia restrições à língua de sinais embora não fizesse parte do projeto pedagógico.

Na década de 50 a educação de surdos no INES esteve voltada para projetos de aquisição de linguagem oral e de formação de professores para atuarem em todo Brasil. O Instituto formou através dos Cursos: Normal, Normal Rural e de Especialização, mais de trezentos professores de todas as regiões do Brasil. Em função dessa política de interiorização da educação de surdos, detectamos nesse período o surgimento de associações e escolas de surdos, apoiadas pelo Instituto, em todo território nacional.

Nas últimas décadas do século XX, no INES, convergem três movimentos que vão promover um deslocamento da própria natureza da instituição: a aproximação com os currículos das escolas regulares, a entrada de quase duzentos professores com licenciatura nas diversas disciplinas e a introdução da língua de sinais na sala de aula como projeto pedagógico. Corrobora com essas mudanças significativas o fim do internato, a desarticulação das oficinas profissionalizantes, a oferta do Ensino Médio, a criação do Grêmio Estudantil - GINES, e o movimento político pelo reconhecimento da língua de sinais como língua.

Objetivos

Identificar aproximações da História da Educação Geral com a História da Educação de Surdos; Contribuir, através do exame de fontes documentais, com a pesquisa histórica da Educação de Surdos; Analisar criticamente narrativas sobre a história da Educação de Surdos e do Instituto Nacional de Educação de Surdos; Analisar políticas públicas educacionais para sujeitos surdos em vários contextos históricos.

Referências Bibliográficas

BANKS-LEITE, Luci; SOUZA, Regina. O des(encontro) entre Itard e Victor: os fundamentos de uma educação especial. In: BANKS-LEITE, Luci; GALVÃO, Isabel (orgs.). A educação de um selvagem: as experiências pedagógicas de Jean Itard. São Paulo: Cortez, 2000.

BASTOS, Maria Helena Câmara. A formação de professores para o ensino mútuo no Brasil: o Curso normal para professores de primeiras letras do barão de Gerando (1839). In BASTOS, Maria Helena C. e FARIA FILHO, Luciano M.(orgs.) A Escola Elementar no Século XIX. Passo Fundo: Ediupf, 1999.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRANDÃO, Zaia; MENDONÇA, Ana Waleska. Por que não lemos Anísio Teixeira? Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

BURK, Peter. A escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1990.

CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

COUTO-LENZI, Álpia. Cinquenta Anos: uma parte da história da educação de surdos. Associação Internacional "Guy Perdoncini" para o estudo e a pesquisa da deficiência auditiva, AIPEDA. Rio de Janeiro, 2004.

DIDEROT, Denis. Carta sobre os surdos-mudos para uso dos que ouvem e falam. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

DUBY, Georges. A História continua. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

GINZBURG, Carlos. O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto : Ed.PUC-Rio, 2006.

LANE, Harlan. A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LOPES, E.M.T., FARIA FILHO, L.M., VEIGA, C.G. (Orgs). 500 anos de Educação no Brasil. Belo horizonte: Autêntica, 2003.

LÖWY, Michel. A Jaula de Aço: Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo: Boitempo, 2014.

MIGNOT, A.C.V.; CUNHA, M.T.S. (Orgs). Práticas da Memória Docente. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C. Anísio Teixeira e a Universidade de Educação. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

MENDONÇA, Ana Waleska et alii. Pragmatismo e desenvolvimentismo no pensamento educacional brasileiro dos anos 1950/1960. Revista Brasileira de Educação, v.11, n.31, jan/abr 2006, p. 96-113.

MENDONÇA, Ana Waleska e XAVIER, Libânia Nacif. O INEP no contexto das políticas do MEC nos anos 1950/1960. Revista Contemporânea de Educação. Publicação on line do Programa da Pós-graduação em Educação da UFRJ, n.1, abril 2006.

MOURA, Maria Cecília. O Surdo: caminhos para uma nova identidade. São Paulo: Revinter, 2000.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. São Paulo : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP/ Projeto História. N.10, 1993.

NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. Teoria e Educação, Porto Alegre, v.4, 1991.

ROCHA, Solange Maria. Histórico do INES. Rio de Janeiro: Espaço/INES, Edição Comemorativa dos 140 anos, 1997.

----- . Tensões atuais no campo da educação de surdos: escola para todos ou escola para surdos – contribuições para um possível diálogo. In: Espaço/INES, n 24, Rio de Janeiro, 2005.

----- . O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. MEC/INES. Rio de Janeiro, 2007.

----- . Memória e História: a indagação de Esmeralda. Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2010.

SANTO AGOSTINHO. Confissões. São Paulo: Martin Claret, 2006.

SKLIAR, Carlos. La educación de los sordos: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica. Mendonza, Argentina: Ediunc, 1997.